

Heitor Férrer
Político

// Heitor Correia Férrer

O médico por vocação é o mesmo homem que viu na política um meio para tentar curar todos os males

Ficha Técnica

Equipe de Produção:
Cinara Sá
George Pedrosa

Texto de abertura:
Amanda Souto Maior

Entrevistadores:
Amanda Souto Maior
Anna Cavalcanti
Camila Torres
Carol Cavalcante
Cinara Sá
Gabriela Ramos
George Pedrosa
Liana Dodt
Livia Pontes
Raphaelle Batista

Fotografia:
Evelyn Onofre

A baixa estatura não impede que ele se imponha. Vestido de terno e gravata e com o cabelo impecável, é notória a vaidade. O olhar é forte e a fisionomia séria. O homem, inicialmente, sisudo encarna o personagem político. Características inerentes a um "homem do povo" parecem estar permeadas à personalidade de Heitor Correia Férrer. Fala ligeira, correta e ritmada. Heitor tem o dom da palavra. Suas repostas são bem elaboradas, parece em um permanente discurso.

O homem se coloca, inicialmente, como em um palanque com uma postura séria. A posição é mantida, mas por pouco tempo. O humano é mais forte, não se deixa conter. Para emoção, por vezes, não há meios como controlar. O personagem político tenta conter o humano, mas não consegue. Heitor é humano. O político, o deputado estadual, o "homem do povo" é apenas uma das facetas dessa figura que por vezes parece menino.

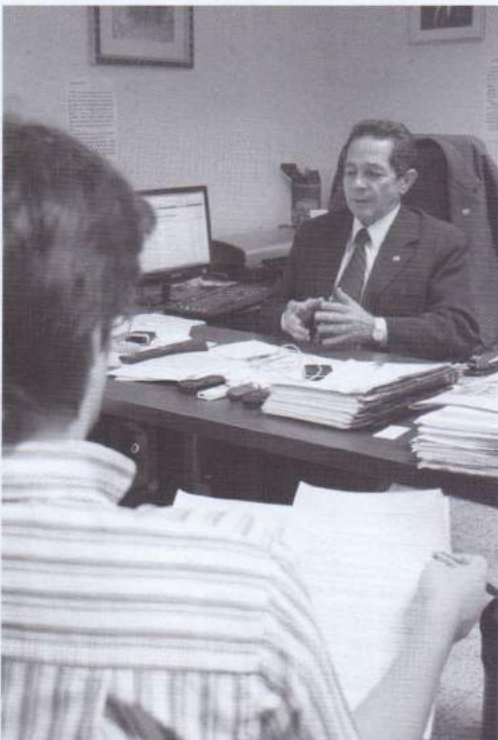
Quando fala do pai, o senhor Osvaldo Férrer Sobrinho, o menino Heitor retorna. Os sequilhos com os quais o pai o presenteava têm um quê de "madeleines". É mote que o faz retornar a um tempo, que apesar de distante, cronologicamente, ainda está incrustado nele. A emoção que toma conta dele ao falar sobre a grande admiração pelo pai serve também como alerta. *Acorda, antes de político, você é humano, Heitor!* Surge, então, o verdadeiro, ou pelo menos se deixa entrever uma das facetas desse homem.

Aquele que não olhava no olho, e parecia estar em uma armadura, que muitas vezes, a política impõe, agora encara. Olha no olho, gesticula, se mexe, aponta e toma conta da situação. As lembranças ainda são bastante nítidas. Ele fala dos personagens que compõem a própria vida e acaba revelando muito dele. Pessoas que moldaram a personalidade do homem forte e ao mesmo tempo frágil de agora.

Pai, filho, marido, político, Heitor se dobra para cumprir os papéis que ele escolheu para desempenhar. A religião é o que o pauta. É nela que ele busca os valores éticos

do homem político que se constrói ao passar do tempo. Para seguir esses valores ele contesta, questiona, faz alarde. Ele contraria, mas não somente para ser opositor. Questiona aquilo que o indigna – como homem, cidadão e como político. Ele segue fazendo aquilo que acredita ser política. O que o encantou na medicina não coube nas ambições do jovem sonhador que queria encontrar um instrumento para curar todos os males. A política parecia para o rapaz uma forma de tornar maiores as proporções de suas ações. O que muitos almejam, mas poucos são dignos de tal ambição. Ele segue então na política do dia a dia.

Se olharmos por um ponto de vista simplista poderíamos nos deter a enxergá-lo como um opositor solitário. Heitor não cabe em tão pouco. Como ser humano, personagem, homem e como político ele é complexo. O homem de posicionamento firme segue como fiscalizador, não só porque é o seu papel como político. A personalidade não o deixa ser daquelas figuras que se acomodam diante do que não concorda, do que não acredita, do que não acha certo.



Entrevista com Heitor Férrer, no dia 26 de maio de 2011.

George – O senhor mencionou na pré-entrevista que teve o privilégio de nascer em uma família que fundou Lavras da Mangabeira (*município no Cariri cearense, a 417,4 km de Fortaleza*) e dominava politicamente a cidade até 1972. De que forma crescer em meio a esse ambiente privilegiado de uma oligarquia tradicional influenciou os primeiros anos da vida do senhor?

Heitor – Hoje, a gente dizer que tem esse privilégio pode ter até uma conotação diferente, né? Mas pra época, em que você mora no interior, menino de tenra idade que vê, naquela cidade, como se todos lhe olhassem com sinais de proteção, né? Nasci de uma família tradicional que teve domínio político mesmo desde a origem da cidade, então era muito bom você estar numa cidade em que podia sair pra onde saísse, brincar com quem brincasse, voltasse tranquilo, saber que nada poderia lhe ocorrer. Pela própria época, que era muito bom porque não tinha violência, e pela deferência que as pessoas tinham aos que eram da família da gente.

Ou seja, eu nasci num ambiente de muito carinho, tanto das pessoas que moravam na cidade, de deferência, e no seio da família, família tradicional do interior. Somos sete irmãos. Papai (*Oswaldo Férrer Sobrinho*) e mamãe (*Joseete Correia Férrer*) são servidores públicos. Papai já faleceu. E cresci nesse meio, dentro de uma família que gozava de regalias, de privilégios. Como é que eu sentia essas regalias? Era o delegado que tinha deferência aos meus tios, ao meu pai, que era vereador, presidente da Câmara, o outro tio era prefeito. Qual era a deferência que o delegado tinha? De ir tomar café, de receber pedidos, na época, pra soltar fulano que estava preso. Era quando o circo vinha, era um permanente (*espécie de ingresso especial*) pra minha família, para o meu pai, tinha um permanente pra mandar os meninos entrar no circo, né? Então, a gente sentia que a família tinha uma deferência. Eu não via aquilo como um privilégio, achava que era a coisa mais natural do mundo. Desde pequeno, a gente assiste a disputas pela Prefeitura, e sempre houve essas disputas... A gente se envolvia, mesmo criança, se envolvia com os pleitos, né? Era um tio que concorria, era um primo do pai que concorria e

a gente acompanhava aquela coisa muito fervorosa de interior, o que, apesar de (*os políticos da família*) mandarem, sempre teve oposição que fazia frente a eles, né?

Cresci nesse ambiente de política, de eleições, de prefeituras. Quando vim pra cá (*para Fortaleza*) em 1968, em março de 68, né? Passei a ser mais um na multidão. Mais um na multidão. Fui pro Colégio São João porque não tinha vaga na escola pública – o Liceu do Ceará. Depois foi que eu fiz uma prova e comecei, naquele tempo, o segundo ano ginásial, que eram quatro anos: primeiro ano, segundo ano, terceiro ano e quarto ano, que era o nível médio. No segundo ano fui para o Liceu, porque fui selecionado numa prova. Passei o resto dos anos no Liceu e depois fui pra Escola Técnica fazer química industrial.

Bom, aqui em Fortaleza passei a ser mais um na multidão mesmo, né? Família de condições limitadas, pai servidor público, mãe servidora pública, estudante de escola pública, tudo era muito limitado, muito limitado. E talvez tenha sido essa limitação que me deu condição de estudar, ter muita responsabilidade com estudo, né?

George – O senhor mencionou que sua mãe era uma mulher rígida...

Heitor – Era.

George – Mas ela tem uma cobrança silenciosa. Como o senhor descreveria a personalidade dela, como era...

Heitor – (*interrompendo*) Ah, mamãe era muito rígida. E como assistiu em Lavras muitas disputas, né? E assistiu em Lavras, assim... Pessoas serem perseguidas pela própria família dela... Porque ela é Augusto da gema, neta de Fideralina e tal (*Fideralina Augusto Lima, proprietária de latifúndios em Lavras da Mangabeira, atuou na política do Estado, falecendo em 1919*). Ela viu muita gente do outro lado sendo perseguida e via que uma família só dominava os outros. O velho Gustavo Augusto, Raimundo Augusto eram os mais dominadores e os outros eram quem dava sustentação. Eu me lembro muito bem quando a mamãe dizia assim: "Nós vamos embora pra Fortaleza porque meus filhos não vão ser capanga dos Augusto". Ora, ela sendo Augusto! O que era

Quem indicou Heitor Férrer para ser um dos entrevistados foi George, admirador da carreira e atuação política do deputado.

A produção entrou em contato com a assessoria do deputado e logo tivemos a confirmação da entrevista.

Desejoso de que a turma aprovasse o político, durante a votação dos escolhidos para as entrevistas da edição, George pensou em combinar votos com outros alunos. Acabou desistindo por considerar a manobra moralmente questionável.

ser capanga? Era dar apoio a eles mesmos, né? Tinha o prefeito, tinha o chefe político, que era o coronel Raimundo Augusto, tinha meu padrinho Vicente Augusto, que foi deputado, foi senador.

Aquilo ela botou na cabeça que os filhos dela tinham de sair de Lavras pra poder estudar. Porque não tinha dinheiro pra mandar estudar na Casa do Estudante na época. Não tinha dinheiro pra alugar uma casa aqui, não tinha dinheiro pra bancar um hotel, o propósito dela pra sair desse meio de Lavras e pra vislumbrar que os filhos poderiam estudar, já que eram sete, era *vim* embora. E veio embora em 1968. No dia 4 de março, nós viemos de trem pra cá.

Amanda – Mas como era pro senhor, criança, perceber isso? Perceber essa influência que a sua família tinha? O senhor notava, conseguia perceber alguma coisa ou era um universo muito natural pro senhor?

Heitor – Era natural, mas muito perceptível. Eu nasci dentro desse universo... Natural. Quando eu dei por mim... O tio era prefeito, em 1957, né? Em 1963 também, quer dizer, em 1957 eu tinha dois anos, nasci em 1955... Quando foi em 1968 eu vim embora. Quer dizer, eu passei em Lavras o período todo sob poder da família, né? Quando em 1967 eu vim embora, meu tio era prefeito de Lavras. Como é que eu via essas regalias? Era deferência das pessoas, o respeito das pessoas com os meus. Isso era muito perceptível. Naquele tempo, então, era muito perceptível mesmo, né? Hoje, tem famílias que mandam, mas não têm essas deferências todas. Naquele tempo tinha.

Carol – Heitor, quando criança o senhor era chamado de “cachorro de balaio” porque aonde o seu pai ia o senhor ia atrás. Vocês tinham uma relação muito próxima. Sua irmã Marta até falou pra produção que o senhor era um dos filhos preferidos do seu Osvaldo. Havia admiração mútua entre vocês dois. O que o senhor guarda de lição do seu pai e o que contribuiu para a formação do homem que o senhor é hoje?

Heitor – (*se emociona e não consegue responder à pergunta de imediato. Vai ao banheiro da sala, mas logo volta*) Vixe, Maria! Eu tenho de abstrair, sabia? Vou me abstrair. Vou me abstrair. Eu vou me artificializar um pouco, assim, pra... Deixar de ser eu. Eu vou me concentrar e conseguir. (*fala baixinho, entrecortando vários momentos de silêncio e um choro contido*). Interessante, olha, meu pai faleceu em 1998 e eu nunca consegui na missa fazer assim uma... Ler alguma coisa, porque as pessoas conseguem ler, né? Em missa de sétimo dia, de um mês, de um ano, de dez anos, nada. Tem gente que consegue fazer um discurso na Igreja, né? Mas eu ainda tenho dificuldade...

Uma das primeiras pessoas com quem a produção conversou foi a mãe de Heitor, dona Josete, que recebeu os produtos em casa. A entrevistada teve a participação de Marta, irmã do deputado.

“Eu era muito ligado ao papai porque saia demais com ele (...). O pessoal passou a me apelidar de “cachorro de balaio”, porque sempre ele me carregava pra onde ia.”

Liana – A Dona Josete, sua mãe, e a Marta, sua irmã, falaram que o senhor era um dos preferidos e no dia de aniversário o seu pai sempre comprava...

Heitor – Uns sequilhos, era...

Liana – Comprava uns pacotes de sequilhos, *nera*? Como se o senhor fosse o preferido.

Heitor – Era...

Liana – Eu achei isso bem interessante também...

Heitor – Era o seguinte, olha. (*com a voz embargada*) Eu era muito ligado ao papai porque saia demais com ele, saia demais e... Eu ouvia todas as conversas de Lavras, ele era político, né? O pessoal passou a me apelidar de “cachorro de balaio”, porque sempre ele carregava pra onde ia, né? Por exemplo, eu ando de cavalo. Pras vaquejadas... (*se emociona mais uma vez*) Pelo amor de Deus, não tem condição... Se eu soubesse tinha tomado um Lexotan. (*risos de todos*).

(*A pedido do professor Ronaldo, Cinara vai à outra sala para pegar um copo de água para Heitor*)

Heitor – Agora vou me concentrar. Por exemplo, nas vaquejadas, papai gostava muito de cavalo, boi, gado e tal. Eu tinha um cavalo, ainda hoje eu tenho essa sela. Essa sela foi feita em 1967... Tem quantos anos? Uma selinha, né? (*alguns respondem a idade da sela*) Quarenta e três anos, né? Ainda hoje tenho e ando de cavalo com meu menino. Quando eu passo nas águas, os cavalos passam e digo: “Vixe, voltei pra Lavras, em 1966”. Porque, quando o cavalo passava na água, eu gostava porque era a zoadada do casco dele (*imita o barulho*). Quando eu faço cavalgada, eu fico procurando água, procurando esses... (*Cinara volta e entrega a água*) Procurando poças d’água, né? Pra poder o cavalo passar e eu me lembrar do tempo que

eu ia pra vaquejada com o papai. Eu peguei essa minha sela que estava lá em Lavras e essa sela eu mandei remontar todinha e hoje é meu meninozinho é quem anda, meu menino (*João Victor Cabral Correia Férrer*) de 14 anos. Mas (*João Victor*) já está grande (*pra usar a sela*), eu era muito pequenininho (*na época em que usava a sela*). Em 68, eu ainda usava calça curta, né? Pra onde papai ia, eu ia também. Nas noites, por exemplo, ele ia pra casa do tio Bibi, que era o Aloizio, ia pra casa do seu Fiel, que era da farmácia, ia pra casa do compadre Assis Viana. Tanto é que os compadres dele são todos meus compadres porque eu me habituei a chamar, né? Compadre Assis, compadre João de Fausto, compadre Aloizio. Tudo era compadre dele e era compadre meu porque passei a habituar.

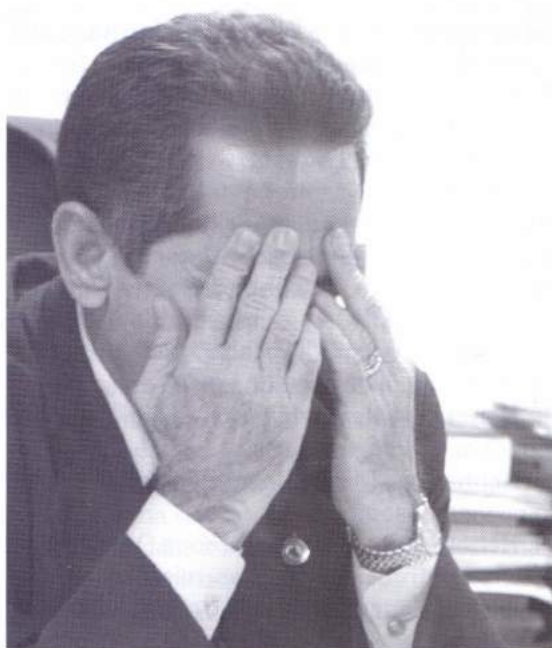
Então, eu ouvia tudo de política, às vezes, até de segredos eu ouvia. Quando papai botava a gente pra dormir, botava eu e José Osvaldo na mesma rede, um do lado do outro, e dizia assim: "Quando José Osvaldo dormir, vá pra casa de Aloizio". Eu ficava com papai até 10, 11h da noite. Tinha uma casa lá que fazia muito frio... Era a casa de cumpadre Assis Viana. Eu ficava dormindo na cadeira assim ó (*levanta-se da cadeira e senta-se ao contrário em outra cadeira*). Os outros diziam assim "Ô Osvaldo, deixa de perversidade, leva esse menino pra casa". (*volta para a cadeira em que estava*) Eu não ia pra casa mesmo, só ia quando ele voltasse. Passei a ser chamado assim de "cachorro de balaio, cachorro de balaio. Pra onde Osvaldo vai, ele vai atrás". A história dessa predileção era porque eu ia mesmo, buscava, eu ia atrás. Os outros talvez não fossem... Quando era meu aniversário, ele mandava fazer esses sequilhos, que é aquelas bichinhas, umas massinhas, tipo docinho, lembra? Docinho de trigo.

Liana – Até hoje tem...

Heitor – Tem, tem. Então, toda vida no dia 11 de outubro, que é meu aniversário, era um bule que ele tinha lá, um bule de sequilho. Dona Rosina era quem fazia os sequilhos. Pois bem, agora estou pé no chão. (*fala com ênfase depois de se sentir recomposto da emoção*).

Carol – Vou só retomar a pergunta... Eu dizia que o senhor tinha uma grande admiração pelo seu pai. Que lições o senhor...

Heitor – (*lembra a pergunta e interrompe*) Papai era uma pessoa... Vocês acreditam que eu nunca ouvi de papai um nome feio? Uma pornofonia? Nunca na minha vida! E era um homem de estatura pequena, mas muito destemido. Papai era uma pessoa muito destemida, muito respeitada em Lavras, conhecido naquele tempo como um homem valente. Naquele tempo as pessoas se impunham pela valentia, pela disposição de enfrentar as coisas. Mas, mesmo com esse temperamento, de ser uma



Elas contaram muitas curiosidades sobre o entrevistado: aos quatro anos, por exemplo, Heitor já queria ser médico e, por conta disso, só usava roupas brancas.

Durante a faculdade de Medicina, Heitor praticava caratê e chegou a montar um barzinho com dois amigos, chamado Elo Três. Marta acha que o bar não durou nem seis meses.

Hoje, ele tem uma fazenda em Aquiraz, região metropolitana de Fortaleza, onde cria cavalos e está quase todos os fins de semana.

pessoa muito conhecida como destemida, eu nunca vi ele falar, mesmo nos momentos de raiva, algum nome feio, alguma pornofonia. Nunca! Ele era muito equilibrado. Humilde de dizer chega! E nunca se deixou humilhar. Era um homem humilde, mas nunca ninguém chegou pra humilhar meu pai.

Isso era uma qualidade muito boa. E a outra era a sinceridade. Sinceridade... Era muito alegre, muito leve, era muito honesto. Ele dizia que só tinha inveja de uma coisa na vida dele: era não ter estudado mais pra saber fazer um bom discurso. Papai só invejava a pessoa pelo saber. Nós tínhamos um primo que era deputado federal, foi deputado estadual, foi prefeito de Lavras, foi senador da República, que era Vicente Ferrer Augusto Lima. Ele dizia assim: "Rafaz, o que eu admiro no Vicente é a sabedoria dele, é a inteligência dele". Era homem simples, mas muito honesto, muito leal, de uma lealdade exemplar, de ser amigo e o amigo não tinha defeito, procurava ser sempre muito solidário. E um grande irmão. Ele tinha a qualidade de se dedicar aos irmãos dele de corpo e alma. Transferiu muito pra gente.

Raphaelle – O senhor é descrito pelos seus familiares e por alguns de seus amigos como um homem muito católico. Durante a pré-entrevista, inclusive, o senhor disse que é pautado pela religião. Qual o impacto da formação religiosa que o senhor recebeu para a construção dos princípios seguidos pelo senhor...

Heitor – (*interrompendo*) É Frei Damiano, viu? O que me causou assim essa fé...

Raphaelle – Mas tanto na vida política quanto na vida pessoal.

Heitor – Essa fé e esse temor a Deus foi Frei Damiano. Porque ele fazia as missões em Lavras e aquelas missões de Lavras eram quase que uma visita do Criador. Frei Damiano conseguia contagiar a cidade naquelas missões dele como se ele tivesse incorporando ali a figura

de um santo, como se ele tivesse ali sendo Jesus Cristo. Eu me lembro que numa dessas missões, estava havendo umas quermessezinhas, uns bares abertos... E o Frei Damiano falou com tanta... Não vou dizer ira... Chateado porque aquelas mercearias estavam abertas... Pois você me acredita que eu presenciei uma ventania pra derrubar as coisas, como se ele tivesse assoprando... Tudo era motivo de fé, né? Eu era menino e Frei Damiano teve essa coisa muito marcante, de a gente ter muita fé em Deus. E a religião, quando a gente começa a ler, né? E eu gosto de ler a Bíblia... Você tem os ensinamentos que você molda, pauta sua conduta por ela (*Bíblia*). Então eu tenho fé e temor a Deus. Eu até chego a dizer que tenho mais temor do que fé.

Raphaelle – Mas na hora de legislar, o senhor separa a religião da sua atuação?

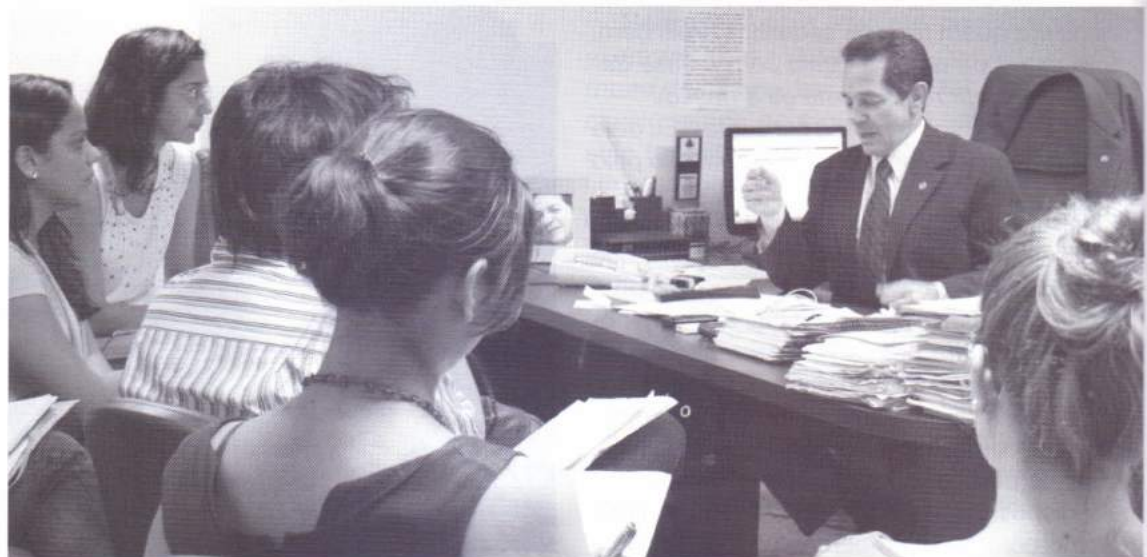
Heitor – O fato de você legislar, você coloca dentro da legislação aquilo que você é. Você quer colocar no papel condutas que você adota e queria adotar pra todos, né? E, obviamente, que nas leis que eu apresentei... Se fizerem um estudo... Que todas as leis que apresentei são leis muito boas, que muitas delas foram rejeitadas, né? Porque eu ampliava benefícios, que eu continha corrupção, limitava a fraqueza humana de querer dominar, né? Sempre querendo pautar a sociedade com equilíbrio. E isso eu devo muito à religião.

Camila – O senhor acabou de falar que sua mãe quis mudar pra Fortaleza porque não queria que os filhos fossem capangas dos Augusto.

Heitor – É... Sendo ela bem Augusto! É bom que se diga, porque quando os Augusto forem ler, aí... (*risos*)

Camila – O senhor disse na pré-entrevista que sua mãe conhecia bem o sofrimento da política lá em Lavras da Mangabeira. Que sofrimento era esse a que sua mãe se referia?

Heitor – O lado da minha mãe, que era o pai



Dona Josete revelou que Heitor gosta muito de cães. Um cachorro da raça pinscher presente em sua casa pertence ao deputado.

dela e o avô dela... O avô dela era filho mais novo de Fideralina Augusto. E tinha o Gustavo, que eu acho que era o mais velho ou o segundo mais velho, que era quem dominava. E esse lado de minha mãe, o coronel Correia, que era o avô dela, o Francisco Augusto Correia Lima, era adversário do outro irmão e adversário de um sobrinho que era quem substituiu o pai, que era Raimundo Augusto. E essa família que dominava, que era esses Augusto, eles impunham muita força contra os outros. E ela (*dona Josete*) era filha do outro lado. Nós tínhamos um tio, que é tio dela, Idelfonso Augusto Correia Lima, que foi obrigado a deixar Lavras em 24 horas porque um primo, que era coronel na época, coronel João Augusto, disse que ele tinha 24 horas pra deixar Lavras da Mangabeira. E era o homem mais rico da cidade.

Ela presenciou tudo isso. Ela viu na própria família dela essas perseguições... Eram perseguições com o tempero da violência mesmo. Ela não admitia que nós, ao longo da vida, passássemos ou a dar apoio àquele lado, como via os outros darem... A família do meu pai dava muito apoio. Ou então estar do outro lado sendo perseguido. Por isso que minha mãe veio pra Fortaleza em 1968... E tirando um episódio que ela foi de manhã e voltou de tarde, ela nunca mais foi a Lavras. Nunca mais foi a Lavras. Então são quantos anos de 1968 pra cá? Quarenta e...

Livia – Três.

Cinara – Quais foram as dificuldades que o senhor sofreu quando chegou aqui em Fortaleza?

Heitor – Menino de interior, um a mais na multidão, tudo aquilo que eu tinha desapareceu, né? Aquela deferência, os professores, as pessoas, aquilo tudo desapareceu. O que, então, eu senti? Um impacto de uma cidade grande. Pra não ser mais um na multidão, talvez pela formação, o único caminho era estudar. E eu passei a ser um bom aluno. Porque aquelas regalias de Lavras, de certa forma, me deram uma vontade de não perder. Mas existe um desejo de domínio? Não. É só de respeito. Por isso que os dois anos que passei pra me adaptar, com saudade da terra natal, foram pra enfrentar esse mundo que era o que eu ia conviver.

Carol – O senhor disse até que sofreu *bullying*, né?

Heitor – É, no Colégio Liceu do Ceará.

Carol – Como foi?

Heitor – Tinha um colega que dominava todos, dominava pela força. Não era bom aluno, era do interior também, mas ele era muito valente. Ele fazia imposição de domínio com todos. Quando foi nesse dia na aula de educação física, ele bateu a minha cabeça... O dente bateu no bebedouro. Minha mãe tinha muito

“Eu gosto de ler a Bíblia (...). Você molda sua conduta por ela. Eu tenho fé e temor a Deus. Eu até chego a dizer que tenho mais temor do que fé.”

zelo pela saúde, arcada dentária... Eu senti que ele quebrou meu dente, tinha trincado o dente. Foi quando eu reagi também com violência. Eu acho que foi uma grande coisa que eu fiz porque eu perdi o medo dele e não deixei mais que ele dominasse nem a mim nem aos outros.

George – O senhor mencionou que a sua mãe tinha uma aversão à atuação política dos parentes. Mas como o senhor enxerga o legado político da sua família?

Heitor – Da minha família em Lavras?

George – É, como o senhor enxerga?

Heitor – A época era daquela maneira, né? Ou seja, na época em que ela dominou a cidade era porque tinha grandes extensões de terras, porque tinha naquela época os seus capangas, porque tinha um poder econômico. Esse legado... Na época, era desse jeito, ou era dominante ou era dominado. Ou a pessoa dominava ou era dominada. Esse legado... Que hoje a gente diz assim: “Olha, minha família foi aristocrática, dominante, cometeu erros”, mas pra época, a cultura era aquela, era natural, hoje se condena, mas na época se vivia isso... E, de certa forma, termina por passar ao seu descendente essa informação de que ele não deve ser só mais um na multidão, ele tem de procurar se respeitar e buscar respeito das outras pessoas. Então, o legado dela (*família em Lavras*) pra mim é que eu me respeito e busco respeito. Não busco prestígio, busco apenas o respeito.

Liana – Ainda sobre essa aversão que sua mãe tinha com relação ao senhor entrar na política. O senhor acha que tinha a ver com o fato dela prezar tanto pelo estudo de vocês, pela formação como médico, no caso, e a partir do momento que o senhor entraria na política, perderia muito espaço pra estudar?

Heitor – Pronto, eu acho que era o principal. É porque a formação médica, que dá muito orgulho às famílias, entrando na política ia abdicar muito dessa atividade. Era o primeiro

Durante a conversa, dona Josete nos ofereceu bolo e refrigerante, servidos pela simpática Raimunda. Lanche muito bem-vindo.

Depois da entrevista, dona Josete tocou piano. Quando terminou, ela contou que aquela música se chamava “Josete”, feita em sua homenagem na época em que era moça.

Nos primeiros contatos por telefone, Gabriela, esposa de Heitor, já mostrava empolgação para ser entrevistada. O resultado foi mais de uma hora de conversa, a mais longa da produção.

ponto. E porque o que ela passou em Lavras, ela viu que política era uma vida de muito sofrimento até para os que dominavam, porque perdia a individualidade, perdia a liberdade. O dia a dia é muito estressante! Ela via por esses dois lados, que a profissão ia ficar à margem, que ela lutou tanto pra gente se formar, no meu caso em medicina, e a política ia terminar absorvendo esse lado da profissão e ia inibir a minha atividade. Como de fato inibiu. Eu era um grande aluno em medicina. Hoje faço um consultório de clínica médica, fiz uma pós-graduação em doenças infecciosas e saúde pública, mas, se eu fosse simplesmente médico, eu estaria entre os bons profissionais da cidade. Eu não me considero ruim...

Gabriela – Eu tenho uma curiosidade. O Heitor Correia Ferrer não se contenta com o doutor Heitor e teve de ir buscar o Heitor político? O que move o senhor?

Heitor – É como eu disse pra você naquele dia, né? (*falando com a produção*). Quando eu me formei, eu fiz uma promessa, como estudante de escola pública e uma maneira de retribuir era passar cinco anos numa coletividade atendendo gratuitamente. Eu passei lá no Pio XII (*bairro de Fortaleza*), numa área pobre do Pio XII. Ia toda semana, fazia atendimento à tarde nas quintas-feiras. Eu vi que o atendimento médico é muito bem-vindo, as pessoas se sentem muito confortadas... E via com esse atendimento médico em comunidade carente, eu via que algo mais deveria ser feito, não só pelo médico, mas pelo homem público. Aí despertou o interesse pela política. Porque aquelas pessoas vinham a mim, inclusive, para perguntar em quem elas deveriam votar. “Doutor, em quem eu vou votar pra prefeito? Doutor, em quem eu vou votar pra deputado?” Aquilo me deu uma certa liderança. Eu associei a condição de ter naquele bairro uma liderança com a vontade de, na política, fazer mais coisas. Por-

“Aquelas regalias de Lavras, de certa forma, me deram uma vontade de não perder. Mas existe um desejo de domínio? Não. É só de respeito.”

Mais de 30 minutos da entrevista foram dedicados à história de amor do casal. Do primeiro telefonema, passando pelo anel de compromisso, até o casamento.

que o médico faz ao doente, faz ao que precisa do atendimento médico. O político faz na sociedade como um todo, de outras doenças, que é a escola que não presta, é o calçamento que não presta, o saneamento básico que não existe, segurança pública. Tudo isso é vinculado à política. Só a Medicina é muito limitada.

Liana – Falando sobre a época em que surgiu o interesse pela medicina. A gente leu no material de produção que o senhor era uma criança que usava roupas brancas que a sua mãe fazia, o senhor tem a ideia de médico no interior como o salvador, aquele que entra na sua casa pra lhe curar. Então será que essa cultura de interior o trouxe à medicina?

Heitor – Não tenho dúvida. A figura do médico na minha vida é desde quando eu me entendo de gente. Eu não imaginava outra profissão, desde pequeno eu queria ser médico. Teve uma época, não sei se alguém falou... Eu dizia que queria era ser padre. Não, né? Eu me lembro disso porque diziam que padre não morria (*risos*). Depois que eu vi que padre morria, eu disse: “Bom, então eu vou ser é médico mesmo”. Mas desde o começo era medicina, só medicina.

Cinara – O senhor disse que o fascínio de amenizar a dor foi o que motivou o senhor a exercer a medicina. E a política, foi um fascínio também?

Heitor – Porque a política é um instrumento para curar todos os males. Não existe nada na vida das pessoas, nada que não seja política. Se você tem uma cidade que aplica bem os recursos de educação, é política de educação. Porque a política orçamentária levou recursos para a política de educação. Se você tem um atendimento médico ruim ou bom, é política de saúde. Se você mora bem ou mal, é política de habitação. Se você tem segurança ou insegurança, violência ou não, é política de segurança pública. Se você tem o Estado economicamente bem ou mal, é política econômica. Então, tudo na vida do cidadão é política. Não existe nada que não seja política. E tudo que é política ou passa pela Câmara de Vereadores ou passa pela Assembleia Legislativa ou passa pelo Congresso Nacional. Se você quer contribuir para equilibrar a sociedade, o único caminho é a política.

Cinara – Mas ela fascina o senhor?

Heitor – Muito! Eu não me imagino mais sem estar na política. Eu me levanto de manhãzinha bem cedo... Às vezes, eu fico assim... Hoje eu me levantei sabe que horas? Acho que era umas quinze pras cinco, fui pro computador, li o jornal no computador, vi e-mail no computador... Às vezes eu não tenho nem o que me pronunciar, recebo um e-mail e aquilo me estimula a fazer um pronunciamento, ou vejo uma matéria de jornal e aquilo estimula.



Simpática e falante, Gabriela arrancou vários risos dos produtores. Contou que, no começo do relacionamento, Heitor enviava bilhetes assinando "Rotieh" para despistar o pai dela.

Eu, na verdade, apesar de ser médico e continuar médico, mas o dia todinho fico atrás de informes para enriquecer o mandato.

Carol – A sua relação com o estudo é muito forte. Isso não mudou tanto no colégio quando o senhor veio pra Fortaleza, estudar no Liceu, no São João... Tanto da faculdade que o senhor disse que era muito recluso porque os estudos eram muito pesados. Isso foi um fator pro senhor não entrar no Movimento Estudantil? Porque muitos políticos começam a carreira no Movimento Estudantil e o senhor não. Por que isso?

Heitor – Eu acho que tive... Acho não, tive extremas limitações em desenvolver esta área na vida estudantil, eu não conseguia penetrar. Logo nessa época... De 1968, quando cheguei aqui, até 1975, quando entrei na faculdade de medicina, e até 1985, quando eu já tinha terminado o curso 1981... Todo esse período foi militar. Eu me lembro que mamãe dizia sempre: "Não se envolvam contra os militares". Porque ela queria dizer assim: "Não participem de movimentos estudantis pra preservar a vida". Então pra mim não existia.

Carol – O senhor não tinha nem vontade de participar?

Heitor – Nem conhecimento. Eu inibi de tal forma, por conta da instrução de mamãe, que... Ela disse: "Olhe, cuidado porque esses movimentos são perigosos", ou seja, eles tinham conhecimento, eu não tinha. Que fulano desapareceu, que fulano foi morto, né? Justamente nesse período de 1968 a 1972, né? Tempo do Médici (*Emílio Garrastazu Médici, general do Exército e Presidente do Brasil durante o Regime Militar – 1969 a 1973*). Então, foi uma

castração. Eu me senti, durante todo esse período, castrado por temor de me envolver com esse movimento, tanto do colégio como da faculdade, não me envolvi. Porque houve uma castração em todos os setores do País. Nessa época há a ausência de muitas lideranças, os que foram, foram pra Araguaia, né? (*Guerrilha do Araguaia, movimento criado no fim da década de 1960, com base na região amazônica, e tinha como objetivo uma revolução socialista, inspirada nas Revoluções Cubana e Chinesa*) e outros movimentos. E muitos morreram.

Gabriela – O senhor afirmou na entrevista com a produção que a sua entrada na política foi impulsionada, além da convivência com a comunidade carente, pela pouca importância que o Lúcio Alcântara (*ex-senador e ex-governador do Ceará*) deu aos votos que o senhor conseguiu para a campanha dele a deputado federal em 1982, como forma de retribuir o seu primeiro emprego público, arranjado por Lúcio. Eu pergunto: se não existissem esses fatores, como esse caso do Lúcio e essa motivação na comunidade, o senhor consegue se enxergar fora do cenário político, ou contribuindo, de outra forma, sem estar à frente?

Heitor – Se sem ter havido esses dois fatores eu estaria político?

Gabriela – É.

Heitor – A motivação inicial foi a de perguntarem em quem eu votava. "Doutor, em quem eu vou votar?", demonstrando que eu tinha liderança, né? Isso desperta, naturalmente desperta. "Olha eu já tô indicando em quem votar. Posso ser político". Mas o que me motivou mesmo foi nem ser político foi apenas demonstrar que tinha alguns votos. Quando, dentro de toda

Segundo ela, Heitor era bastante galanteador durante a juventude. Na época em que Gabriela namorava um primo de Heitor, ele afirmava que a garota era "muita areia para o caminhãozinho" do primo.

Gabriela cursa a faculdade de direito na Universidade de Fortaleza (Unifor) e afirma conquistar vários votos para Heitor entre os estudantes.

a sua bondade, dentro do homem público que é o Lúcio Alcântara, ele é muito frio. Quando eu fui demonstrar esses votos que teria a intenção de dar, ele demonstrou pouco apreço ou que eu não tinha (*os votos*)... Eu resolvi fazer assim: "Olha, eu vou mostrar que eu tenho esses votos". Não foi por ódio, de maneira nenhuma, foi apenas pra mostrar que tinha aqueles votinhos. Terminei me elegendo, mostrando que tinha essa liderança lá naquela região, que foi uma região que me votou muito na época.

Gabriela – Então o senhor considera que foi determinante?

Heitor – Foram fundamentais.

George – O senhor sempre aderiu bastante aos conselhos da sua mãe. Mas a entrada na política foi um momento em que o senhor discordou, quebrou essa...

Heitor – É verdade...

George – Essa influência. Por quê? Como foi que se deu?

Heitor – Talvez (*porque eu*) já (*estava*) de pescoço mais grosso, né? Eu tenha dito assim... Por convicção, eu achava que naquele momento eu podia não aceitar mais aquele conselho. Era um desafio. Foi um desafio. Tanto é que mamãe... Hoje ela até pede algum voto a um amigo. Na época, ela nunca pediu voto pra ninguém. Fazia questão de dizer: "Se depender de mim, você não tem um voto". Por zelo também, porque ela achava que política não era uma área que pudesse nos fazer felizes.

Raphaelle – O senhor fala desse momento de reclusão que passou logo que chegou em Fortaleza e depois na faculdade. Mas em contraponto a isso, o senhor percebeu que tinha uma influência, tinha uma liderança sobre aquelas pessoas, sobre aquela comunidade carente, mas também com seus amigos, que ajudaram e incentivaram o senhor a participar da política. Eu queria que o senhor analisasse

"Eu dizia que queria era ser padre (...) porque diziam que padre não morria. Depois que eu vi que padre morria, eu disse: "Bom, então vou ser é médico mesmo."

Heitor cursava também Direito na Unifor quando ainda era vereador. Eleito deputado, o tempo ficou mais curto e teve de trancar a matrícula.

um pouco essa transição desse homem recluso, desse jovem recluso pra esse líder.

Heitor – Olhe, eu acho que o tempero disto é só alegria. Eu era muito extrovertido. Depois dessa fase dos dois anos (*de reclusão*), eu passei a ser o que eu era mesmo, extrovertido, alegre, solidário, gostava muito de brincar, e isso vai penetrando nas pessoas. É uma presença leve, pessoa alegre que está sempre de astral elevado, vai contagiando e as pessoas vão se aproximando como que buscando uma alegria que não estão tendo. Porque as pessoas mais alegres aonde chegam se deixam notar, né? Eu considero que no meio dos meus amigos, o que me deu a ideia de ser político, era essa alegria e o fato de sempre estar, depois de estudante de medicina, atendendo, mesmo como estudante, já atendia, né? Tinha aquele aparelho de tirar pressão, eu ia na casa das pessoas que me pediam: "Olha, fulano não tá bem" e eu ia atender. Quer dizer, a medicina foi um instrumento, depois da alegria pessoal, da aura que a pessoa tem natural, né? A medicina foi o instrumento principal pra essa entrada na política.

George – E o pai do senhor como enxergava o fato de o filho seguir os mesmos passos do pai?

Heitor – Também nunca aconselhou que entrasse. Não dizia nada contra, mas também nunca foi de estimular, nunca estimulou.

Gabriela – O senhor se reconhece na atuação dele como político, na sua atuação hoje? O senhor se inspira nele?

Heitor – Não. Por quê? Porque naquela época os políticos viviam apenas de manter o *status quo*. Papai foi vereador, foi presidente da Câmara, pra manter o *status quo*. A vida parlamentar do meu pai pode passar em brancas nuvens. Porque era uma coisa tão intocável, tão pouco cobrada... Hoje eu não me lembro do meu pai como vereador fazer o que hoje eu vejo as pessoas fazerem... Aquela multidão de gente dentro da casa. Não. Eu nunca vi lá em casa ninguém aperreando o papai por ele ser vereador, ou seja, era cumprir uma tabela. Papai teve uma ação parlamentar de... Não, porque era dos que dominavam, né? Eles queriam manter aquele *status quo*.

Gabriela – Mas na postura dele, como a Carol tinha perguntado ao senhor...

Heitor – Aí é a figura humana.

Gabriela – O senhor reconhece na sua atuação política?

Heitor – A figura humana. Ele como político... Na verdade eu fui saber que papai era político, de ter mandato, eu acho que depois de eu estar aqui. Eram políticos? Eram. Eu sabia que faziam as convenções partidárias, eu me lembro que faziam fogos, soltavam fogos. Naquela época, quando padrinho Vicente Augusto tinha palavras, soltavam

fogos, mas a atuação parlamentar... Primeiro porque a Câmara se reunia uma vez por semana, como se reúne hoje, né? E, naquele tempo, muito, muito, muito rapidamente. Então, a vida parlamentar do papai, eu posso dizer, que passa em brancas nuvens.

Gabriela – Eu vou insistir... Quando o senhor tenta refletir sobre o político que é hoje, e tenta lembrar da sua infância, o que viria ao senhor dessa figura do seu pai, da admiração que o senhor tinha pelo seu pai?

Heitor – Pois é, eu não consigo ver papai, nunca vi papai como representante popular eleito pelo voto popular. Porque era uma coisa tão natural que acontecia... É como se não houvesse nem disputa naquela época. A figura do papai que me impressiona, que eu gosto de dizer que pareço com ele, é a figura humana. Mas a figura política, digamos assim, passou em brancas nuvens. Eu nunca, praticamente, senti que papai tinha tido voto pra ser vereador.

George – A sua primeira candidatura para vereador foi feita com o apoio dos amigos, que ajudaram financeiramente e na administração da campanha. Quais foram as dificuldades dessa campanha entre amigos?

Heitor – Foi uma campanha muito sem compromisso, eu não entrei pra ganhar, eu entrei apenas com o intuito de dizer que tinha alguns votos. Como uma autoafirmação: “Eu vou mostrar que tenho esses votos”. Tanto é que eu não me elegi logo no primeiro momento. Fortaleza tinha 33 vereadores, eu fui o sétimo (*em número de votos*) do PDT. Nessa época o (*atualmente senador da República*) Inácio Arruda foi coligado do PC do B. O PDT fez sete (*vereadores eleitos*) com o Inácio. Fez seis e com Inácio, sete. Eu, com 1710 votos, fiquei como primeiro suplente. Quando eu me elegi (*em verdade, ele quer dizer se candidatou*), passei a ser o primeiro suplente, aquilo não representou derrota porque... Os amigos sabiam que a gente estava entrando naquilo, mas não tinha chance de ganhar, não tinha chance de ganhar. Quando houve o aumento da Câmara de Vereadores, de 33 para 41 (*vagas*), foi em 1988, eu fui chamado pra preencher essas 41 vagas, que são as que têm hoje.

Liana – Quando o senhor se legitimou como vereador, quais foram as primeiras impressões, as primeiras responsabilidades que o senhor acha que...

Heitor – (*antecipando-se*) A grande responsabilidade é que a gente teve de ser constituinte. Eu passei a estudar... Era a Constituição de 1988, que foi promulgada em 5 de outubro, né? A (*Constituição*) do Ceará foi em 1989 e a Lei Orgânica (*de Fortaleza*) seria logo em seguinte, ou seja, o grande desafio do primeiro mandato foi estudar pra ser um grande constituinte municipal. Então, a expectativa toda era porque a

“Eu ir para o PDT, foi pela figura de Brizola. E porque acreditava que o único caminho que faz diferença entre fracasso e sucesso é a educação.”

gente ia fazer a Lei Orgânica de Fortaleza.

Camila – O senhor falou que entrou nessa primeira disputa por questão de autoafirmação. Por que foi necessária essa autoafirmação, além daquela questão de provar pro Lúcio que tinha os votos?

Heitor – Pronto. Só isso.

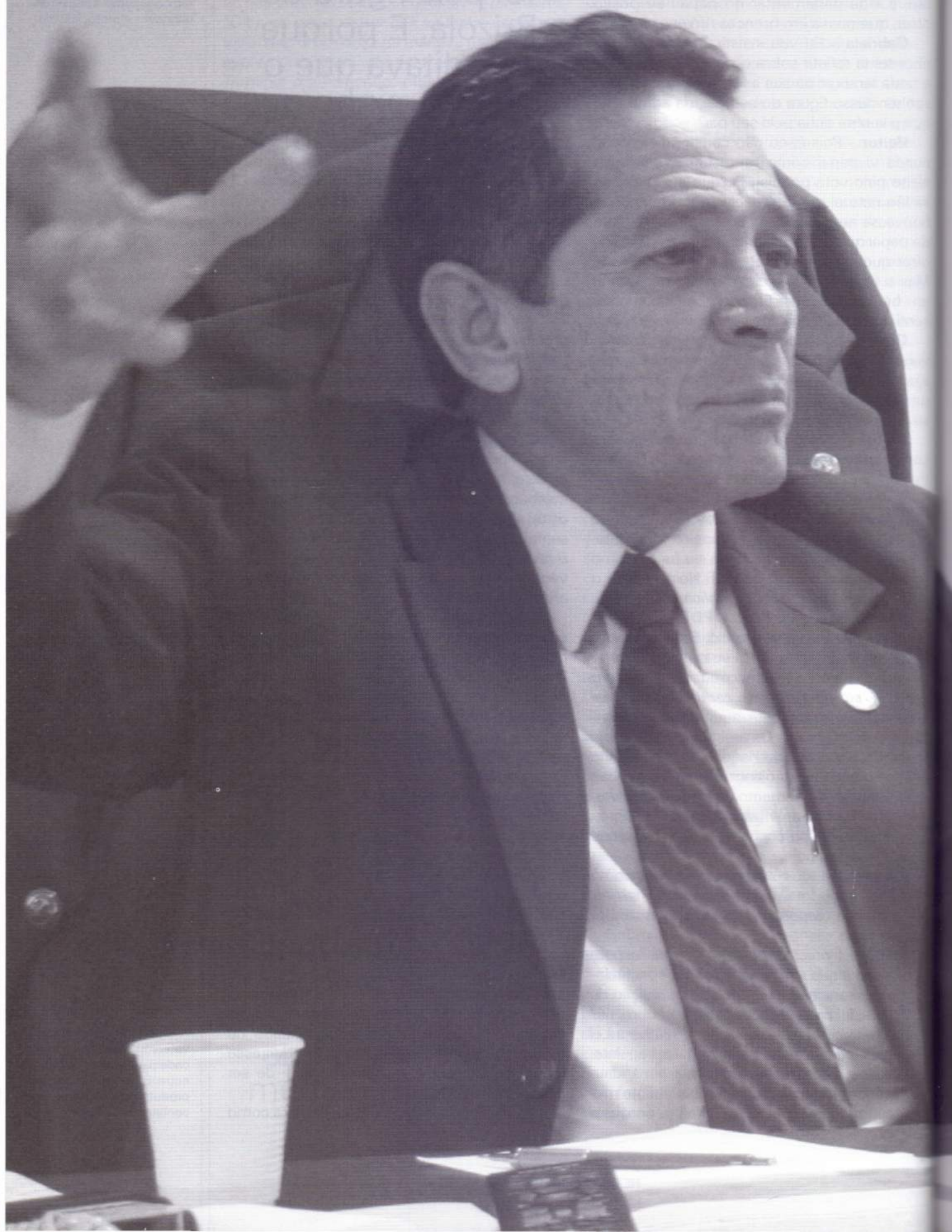
Lívia – Mas como o senhor tinha afirmado antes, no ambiente familiar, esse imaginário político, não de maneira tão clara, sempre lhe cercou. O senhor falou que tinha a necessidade ou sentia que, como parte daquela família, o senhor deveria ser respeitado e tinha de buscar o respeito. Isso também fez parte dessa motivação, isso entra na questão de tentar se autoafirmar perante a sociedade?

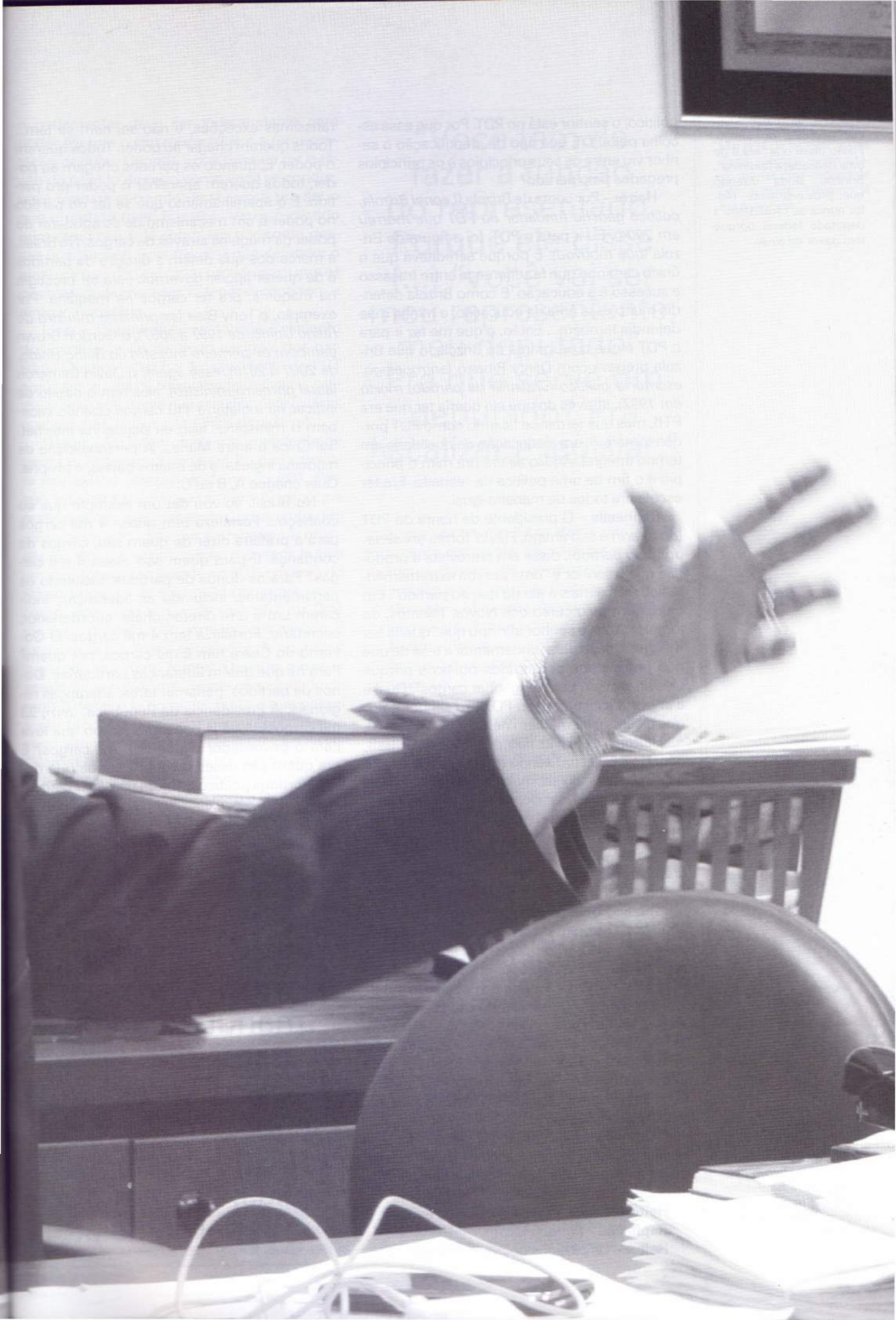
Heitor – Não, não. Quando eu busquei a candidatura pra ter esses votinhos era pra dizer que tinha. Quando eu tive o risco de ser eleito e fui... Aí muda tudo porque você está dentro de um contexto onde você passar a ser agora representante popular, que tem uma outorga popular, que tem um mandato popular, e você vai como que passar a borracha em tudo aquilo que poderia apenas ser uma brincadeira pra mostrar que tinha voto ou pra mostrar que tem liderança naquela área. Isso teve de desaparecer. Porque tive de botar os pés no chão e dizer que eu era agora representante popular, eu tinha de ter uma desenvoltura pra poder retribuir a quem me elegeram, que eram muitos anônimos já nessa época porque eu não tinha 1700 amigos, que eu fui apertar cada mão. Os votos que vieram foram de pessoas que pediram a outras, né? Um colega, um amigo, pediu a outro, pessoas desconhecidas. Baixou em mim o espírito que deve baixar em todos nós: de homem público, da responsabilidade de ter um mandato popular e fazer com que esse mandato tenha uma responsabilidade de ser bem representado.

Carol – Desde o início da sua carreira como

Flávio Torres, ex-senador e um dos amigos de Heitor entrevistados previamente pela produção, é entusiasta de esportes radicais, como aviação de ultraleves e motociclismo.

O político e físico já estava com uma viagem marcada para o dia seguinte à entrevista. Felizmente, os produtores conseguiram contatá-lo a tempo.





Sobre as características pessoais do amigo, Flávio disse que “ele é de uma delicadeza feminina”. Brincou ainda dizendo que, provavelmente, Heitor nunca se candidatou a deputado federal porque tem pavor de avião.

político, o senhor está no PDT. Por que essa escolha pelo PDT, que tipo de identificação o senhor viu entre os seus princípios e os princípios pregados pelo partido?

Heitor – Por conta de Brizola (*Leonel Brizola, político gaúcho fundador do PDT que morreu em 2004*). Eu ir para o PDT, foi a figura de Brizola (*que motivou*). E porque acreditava que o único caminho que faz diferença entre fracasso e sucesso é a educação. E como Brizola defendia muito essa área da educação, e minha mãe defendia também... Então, o que me fez ir para o PDT é que o programa de Brizola, o que Brizola pregava com Darcy Ribeiro (*antropólogo, escritor e político fundador do partido, morto em 1997*), através do que ele queria ter que era PTB, mas que terminou ficando como PDT porque tomaram, era a educação de qualidade em tempo integral. Aquilo ali era pra mim o princípio e o fim de uma política de respeito. Era ter escola pra todos de maneira igual.

Raphaelle – O presidente de honra do PDT (*no Ceará*) e seu amigo, Flávio Torres (*ex-senador pelo partido*), disse em entrevista à produção que o senhor é “uma pessoa extremamente fiel, mas é mais a ele do que ao partido”. Em passagem pelo curso dos Novos Talentos, do jornal *O Povo*, o senhor afirmou que “queria ser mais estudioso para fundamentar a tese de que não precisamos de partidos políticos porque eles só servem para barganhar cargos”. Qual é a importância, então, do PDT pro senhor e por que o senhor se mantém nele?

Heitor – O Flávio não peca em dizer isso, não. Hoje eu estou sendo mais partidário. Hoje estou procurando ser mais partidário. O Araújo Castro, que já é falecido, que era secretário-geral do PDT, dizia que eu tinha três facetas: o Heitor médico, o Heitor amigo e o Heitor político. E o Heitor político partidário era um fracasso. (*dizia Araújo Castro:*) “Você como homem de partido é um fracasso. Você é amigo, você é um médico que quando eu preciso você está aqui em casa, mas como político partidário você não existe”. Porque eu me abstraí muito da vida partidária e procurei, dentro do meu mandato – embora a figura do Brizola é o espelho, é a meta –, eu passei a ser muito pedetista sem a vida partidária dentro do partido, sem ter a vida vivida dentro da militância política do PDT. Eu abracei as bandeiras do partido, tanto é que hoje todo mundo sabe que eu sou do PDT. “O Heitor é a cara do PDT”, mas com essa visão que o Flávio tem.

Raphaelle – Mas quando o senhor diz que queria defender a tese de que não é preciso existir partidos políticos, é uma contradição, né? Como é que o senhor...

Heitor – (*interrompendo*) Deixa eu explicar...

Raphaelle – Por que isso?

Heitor – Os partidos políticos no Brasil, com

raríssimas exceções, e não sei nem se tem... Todos querem chegar ao poder. Todos querem o poder. E, quando os partidos chegam ao poder, todos querem aparelhar o poder pro partido. E o aparelhamento que se faz do partido no poder é um mecanismo de se apoderar do poder da máquina através de cargos. No Brasil, a marca dos que detêm a direção de partidos é de querer apoiar governos para ter prestígio na máquina, pra ter cargos na máquina. Por exemplo, o Tony Blair (*ex-primeiro ministro do Reino Unido, de 1997 a 2007*), o Gordon Brown (*também ex-primeiro ministro do Reino Unido, de 2007 a 2010*), esse agora, o David Cameron (*atual primeiro-ministro*), eles têm o direito de indicar na Inglaterra 110 cargos quando recebem o ministério. Isso eu peguei na Internet. Sai Chica e entra Maria... A personalidade da máquina inglesa, e de muitos países, é própria. Quer chegue A, B ou C.

No Brasil, eu vou dar um exemplo que eu conheço... Fortaleza tem quase 4 mil cargos para a prefeita dizer de quem são, cargos de confiança. E para quem são esses 4 mil cargos? Para os donos de partidos, incluindo os parlamentares, incluindo as lideranças, indicarem um a um: diretor, chefe, coordenador, secretário. Fortaleza tem 4 mil cargos. O Governo do Ceará tem 8 mil cargos, pra quem? Para os que detêm lideranças partidárias. Donos de partidos, parlamentares, lideranças regionais. A Presidência da República, (*tem*) 23 mil cargos! Você já pensou o tempo que leva para o governador distribuir 8 mil cargos? E pra quem são esses cargos? Para os que detêm partidos políticos. Quem não quer cargos, fica fora. No caso, eu... Nunca negocie cargos dentro do partido!

O partido agora está apoiando o Cid (*Gomes, governador do Ceará*), né? Não tem um cargo que eu vá pedir lá. Porque eu acho que

“Acho que a religião tem esse viés da manutenção do status quo (...). Esses dogmas não me inibem. Ajo com certa independência. Aliás, com muita independência.”

O vereador Iraguassú Teixeira foi contatado pela produção para falar sobre o colega de partido, mas a entrevista acabou sendo cancelada devido à agenda lotada do político.

o parlamentar deve ser independente para poder exercer o seu *mister*, que é a representação popular. Quando você passa a ter o tacho do partido dizendo como você se conduz, você termina deixando de ser você pra ser o que o partido quer. E muitas vezes o partido quer que você seja submisso por conta dessas posições no Governo. É o que defendo: o ideal era que não existisse partido para que as pessoas pudessem ser independentes sem a direção partidária.

Livia – O senhor falou do aparelhamento dos partidos e do contexto nacional dos partidos. Quando o senhor foi presidente do PDT no Ceará, o senhor teve uma tentativa de estimular uma estratégia que seja diferente a essas que são mais usuais na política partidária?

Heitor – Eu fui um péssimo presidente de partido. Péssimo presidente! Eu praticamente não existia como presidente do PDT. Porque fui eleito pelo Flávio e pelo Araújo, que praticamente me nomearam presidente. Fui eleito pelo voto, mas me entregaram a presidência. Porque assim que eu me elegi, houve uma ruptura muito grande no PDT, um lado do Flávio (*e outro*) de Pedro Albuquerque (*sociólogo, advogado e membro do PDT do Ceará*). E eu, dividido, não administrei o partido. E também nunca tive a percepção de aparelhar o partido pra mim. Nunca! Quando passei a presidência pro André, passei desprendido de todo o desejo de domínio. Tanto é que passei e ele (*André Figueiredo*) perguntou: “Heitor, você tem interesse de ser reeleito?”. Eu disse: “Não”. Ele disse: “Porque eu queria ser candidato”, “Pois então de minha parte não tem nenhum problema. Fala só com o Flávio e com o Araújo porque são eles que detêm o poder partidário”. E foi dada a ele a condição de ser eleito presidente do PDT.

Livia – Mas fora essa ruptura, que foi um dos problemas, o senhor teve outras dificuldades de tentar exercer essa figura partidária?

Heitor – Muitas, porque eu nem poderia desagradar ao Flávio, por lealdade e gratidão, e tinha muito respeito pelo Pedro Albuquerque. E eles viviam em confronto. Então, eu levei uma presidência sem marca, eu não tive nenhuma marca como presidente do PDT.

George – O Flávio mencionou que uma das causas da sua dificuldade na presidência do partido foi porque o senhor não tinha interesse de trocar favores com políticos, em oferecer cargos, benefícios...

Heitor – Eu nunca usei a presidência para prestigiar partidários. O próprio presidente de partido no Brasil que não se utiliza da presidência para satisfazer partidários é fadado ao fracasso, porque esses cargos que eu falei estão à disposição dos partidos. E eu tinha e tenho grandes dificuldades em aceitar esse *status*

“Você tem de fazer a função do representado. Porque ele disse (...) “você vai ser meu representante, meu deputado”. Pra que serve um deputado? Pra fiscalizar e legislar.”

quo, sou contra ele. Esse *status quo*, eu sou totalmente contra ele. Os partidos e os parlamentares devem dar governança, mas sem submissão e sem troca de favores.

George – Mas essa postura idealista não torna mais difícil fazer política?

Heitor – Torna, torna. Tanto é que até pouco tempo eu era completamente só, completamente só. A minha vida partidária, embora não me submeto a isso, é que hoje eu já tenho dentro do partido uma melhor avaliação pelos partidários por conta da vida partidária, mas não de se beneficiar, de indicar cargos.

Carol – O senhor vem de uma família de políticos, de uma tradição política muito forte. Mas, quando o senhor entra na política, acaba com vários privilégios políticos como, por exemplo, a pensão de vereador que podia se aposentar com dois mandatos, acabou com o 13º e 14º salários de vereador. Isso é um reflexo do que o senhor via no interior, do que sua mãe contava dos mandos e desmandos daquelas pessoas em Lavras?

Heitor – Não, não. Essa visão foi adquirida na capital. E foi adquirida muito, muito, muito, muito pela... Pautada pela imprensa. Essa posição, essa conduta... Muito da minha conduta foi pautada pela imprensa, pelo que a imprensa achava como correto e aquilo eu absorvi com muita facilidade. Tanto é que essas minhas lutas todas, eu só consegui chegar até elas... A primeira, a pensão, eu disse que foram sete companheiros, né? Porque a imprensa nos apoiou integralmente contra essas imoralidades.

Gabriela – Heitor, nós sabemos que, hoje, para o senhor conseguir uma campanha política, é preciso ter apoio político e financeiro, que são situações difíceis de contornar, mes-

Para fazer a pré-entrevista com Heitor, a produção teve de esperar quase 2h no gabinete do deputado até ter uma chance de falar com ele. A demora já era esperada.

No dia da entrevista, ocorria uma manifestação de professores municipais em frente à Secretaria de Educação de Fortaleza, ao lado da Assembleia Legislativa.

Algumas ruas da região estavam interditadas, o que dificultou o acesso ao local. Por conta disso, três alunos chegaram alguns minutos atrasados.

mo quando a pessoa não gosta desse tipo de apoio. Em entrevista ao jornal *O Povo*, no dia 25 de outubro do ano passado, o coronel (*banqueiro e ex-governador do Ceará*) Adauto Bezerra afirmou que contribuiu financeiramente com a sua campanha. Como o senhor lida com essas obrigações que a política traz? Eu quero saber também se o apoio financeiro prejudica a atuação.

Heitor – Não, não prejudica. Eu respondo por mim. Pela primeira vez na minha campanha eleitoral eu tive uma ajuda exponencial de alguém como foi a do Adauto Bezerra, ele é ex-governador, ex-deputado federal, banqueiro. E por que eu tive ajuda do coronel Adauto? Porque pedindo voto lá no banco, ele sai da sala dele, e me viu pedindo voto com cartãozinho, aquele santinho, né? Aí: “Meu filho, você vai se candidatar a deputado pedindo voto assim?” “Como, coronel?” “De um em um?” Eu disse: “É”. “Você faz sua campanha de deputado pedindo voto de cartãozinho em cartãozinho?” Eu disse: “É, é desse jeito.” “Quer dizer que você se elege dessa maneira?” Eu disse que sim. “E daqui você vai para onde?” “Daqui, coronel, vou para a (*avenida*) Monsenhor Tabosa, que eu fiquei de passar de loja em loja lá.” Ele disse: “Eu lá acredito nisso! Você quer uma ajudinha?” Eu digo: “Ora, coronel, quem não quer?” Ele disse: “Pois eu vou lhe dar um material de campanha, papel, você quer?” Eu disse: “Ah, você salvou minha campanha”. Porque aí me deu a ideia de eu ter milhões de santinhos. Quando eu fui lá, disse: “Coronel, tem de ser oficial”. Ele disse: “Não, é oficial. Eu vou lhe dar, você traga o recibo, que eu quero assinar”. Aliás, ele disse assim antes: “Só quero que você não diga a ninguém, que eu lhe ajudei”. Eu disse: “Tem de ser oficial”. E ele: “Não, oficial eu sei que é, mas não diga a ninguém”. Eu não disse nem à minha mulher.

Quando foi na entrevista (*no jornal O Povo*), para minha surpresa, estava lá que ele tinha me ajudado. Eu digo: “Bom, já que ele disse, eu agora posso dizer”. Ele mesmo que pediu segredo e ele mesmo disse à imprensa, ótimo. Porque o que poderia ser segredo, que não é segredo porque está declarado na Justiça Eleitoral, né, a ajuda que ele me deu está lá. E como ele disse. Depois minha mulher (*disse*:) “Mas Heitor, tu nunca me disse que o coronel Adauto tinha te ajudado”. Ele pediu segredo, como é que eu ia dizer? Mas em nenhum momento o coronel Adauto me ligou para dizer: “Olha, vote assim, veja assim, veja assado”. Ele me conhecendo, ele sabe da minha conduta, né? Pode até pedir coisas que a gente concorde.

Gabriela – Mas nessa entrevista ele demonstrou uma admiração pelo senhor. Seria uma forma de agradar a alguém que ele admira, ele demonstrou por que essa admiração

pelo senhor como político?

Heitor – Pela minha conduta como vereador. E esse bem querer lhe agradou. Pela minha conduta, minha valentia cívica. Tanto como vereador, quanto como deputado. Eu não tenho com o coronel Adauto nenhuma aproximação de vida pessoal. Ele conhecia meus pais. Tenho um tio que foi prefeito de Juazeiro que era muito amigo dele. Mas, com ele mesmo, não tenho convivência. É admiração (*dele*) pelo mandato.

Carol – Muitos falam que o senhor não tem um discurso ideológico, o seu discurso é mais prático. O senhor não levanta bandeiras isoladas, como educação ou saúde. O senhor não tem nenhuma identificação ideológica?

Heitor – Não, eu sou mais é a prática do dia a dia, o meu ideal é buscar a solução dos problemas que hoje estamos vivendo. E não tem escola maior na vida do que a própria vida. O dia a dia é uma grande escola! Quem é médico, como eu, do serviço público, todo dia nós temos problemas batendo para ter soluções. Todos os dias.

George – Alguns dizem que o seu maior compromisso é com seus próprios princípios morais e éticos, que, segundo o senhor mesmo, são influenciados pela religião. No entanto, a religião frequentemente funciona na formação de personalidades mais conservadoras, defensoras do *status quo*. Por que no seu caso a religião colaborou para uma personalidade mais questionadora?

Heitor – É. Eu acho que a religião tem esse viés da manutenção do *status quo* mesmo, não quer grandes avanços. Eu me posiciono do outro lado. Mantendo os princípios éticos, mas sempre avançando e buscando o que a sociedade inteira quer. Esses dogmas não me inibem, não prevalecem. Eu ajo com certa independência. Aliás, com muita independência.

Esse discurso aqui do Flávio Torres me orienta muito (*mostra uma moldura com um discurso do ex-senador*): “Vou encerrar dizendo que exerço meu mandato obedecendo a três lealdades: a primeira é com meu estado, junto com os senadores Tasso (*Jereissati*) e Inácio Arruda, com os quais me dou perfeitamente bem. A segunda lealdade é com o meu partido, que ajudei a fundar e cujo programa ajudei a escrever. A terceira lealdade, que governa as duas anteriores, são os princípios morais e éticos que construí ao longo de minha vida. Não há Ceará e não há partido que me faça contrariar esses princípios”. Isso aqui eu boto porque eu gosto de fazer também.

Camila – Heitor, quais são esses dogmas que o senhor acabou de falar que o senhor...

Heitor – (*interrompendo*) Você já pensou se eu fosse pegar a Igreja, que é contra a união homoafetiva, e me submeter a ela? A Igreja que é... Deixa eu ver outra coisa que eles pregam

O imprevisto, porém, não afetou o bom andamento da entrevista. Os estudantes que chegaram atrasados prontamente se juntaram aos colegas.

“Tenho uma casa de apoio para receber pessoas carentes. Mas eu vou pensar nesse assistencialismo como uma coisa negativa se eu estou fazendo o bem a quem não tem como fazer lá?”



muito... A (*união*) homoafetiva é um horror para eles... Preservativo. Tem outro... Aborto. O aborto eu defendo como está, não aceito avanços também. Que a pessoa vá abortar, como queria um segmento da política, ter o Estado pronto para fazer aborto em quem quisesse vir fazer. Não pode. O aborto é feito dentro do que estabelecem hoje os códigos brasileiros. O estupro, se a pessoa quiser. Doenças que podem comprometer... Aí tudo bem! Avançar mais, de você querer dar mais liberdade para a pessoa fazer o abortamento, eu não concordo.

Cinara – O senhor estava dizendo sua opinião sobre o aborto. E a sua religiosidade interfere em sua opinião em relação a esses outros assuntos que o senhor citou, a homoafetividade, o uso de...

Heitor – (*interrompendo*) Não, aí eu vou... Se (*a religião*) interferisse, eu seria contra a homoafetividade, e eu não sou. Porque não é nem opção, é direito. A pessoa tem o direito porque é desejo, porque é hormonal, e contra isso não tem como você querer conter com legislação, ou então por determinação religiosa.

Livia – Mas esse ímpeto questionador, essa influência vem de onde, se não da religião, então de leituras? Ou tem algum processo...

Heitor – Eu acho que esse ímpeto questionador vem da religião, sim, porque Jesus Cristo foi um grande questionador da Justiça da época.

George – O senhor foi oposição ao Juraci (*Magalhães, prefeito de Fortaleza por três mandatos*), como vereador, e ao Lúcio (*Alcântara, ex-governador*), como deputado estadual, junto com seu partido. Mas, com a vitória de Cid, o senhor teve uma chance única de aderir à base aliada do governo. Por que o senhor decidiu contrariar o partido e manter-se na oposição?

Heitor – Olha, a função do parlamento é de dar governança, sem se submeter. A função do parlamentar, que está constitucionalmente estabelecida, é de legislar e fiscalizar os atos de governo. Fiscalizar todos os atos do Governo, não é do governador, é do Governo. Você tem de fiscalizar os atos do governante e também fiscalizar os atos do Governo, que são seus colaboradores. O governo é cheio de partidos. Hoje o Governo do Estado do Ceará tem PMDB, tem PT, tem PSB, PCdoB, PDT, PSC, PHS... Todos os partidos, quase todos, fora o PSDB, estão na base do Governo. A minha responsabilidade de fiscalizar o gestor e a gestão é porque a ele foi dado o direito de manipular o que é nosso, que é o nosso dinheiro. E a ele foi dado o direito de, discricionariamente, dizer o que é ou não prioridade para o Estado. Mesmo o partido estando aliado, eu não posso deixar de exercer as minhas funções constitucionais, que são de cumprir o juramento, de cumprir a Constituição do Brasil e do Ceará. Está pregado

Liana chegou com “cara de choro” e sentou ao lado do entrevistado. Depois, ela contou que, por causa dos desvios e do nervosismo, se perdeu e foi parar na Av. Antônio Sales, na altura do Colégio 7 de Setembro (distante cerca de dois quilômetros da Assembleia).

Enquanto a turma entrava na sala e arrumava as cadeiras para começar a entrevista, Heitor estava bem posicionado na cadeira e, de lá, cumprimentou todos cordialmente.

No começo da entrevista, o sistema de som da sala transmitia os pronunciamentos dos parlamentares. O barulho atrapalhou Camila, Amanda e Carol, que estavam sentadas bem abaixo das caixas de som.

na minha bancada lá, desde o primeiro mandato, está lá fixado: "Cumprir a Constituição do Estado e a do Brasil".

Então, dentro do cumprir a Constituição e a legislação infraconstitucional, existe a legalidade, a impessoalidade, a moralidade, a publicidade e a eficiência. Todo governo, o que norteia a administração pública... E a administração pública é Judiciário, Legislativo e Executivo... O governo são os três poderes. O governo não é só o governador, o Executivo é o governador. Mas o governo é tudo. O Executivo é o Presidente da República. Todos os atos do governo, eu tenho de fiscalizar se eles são legais, impessoais, morais, públicos e eficientes. Se sair disso, pode ser do meu partido, eu sou obrigado a questionar.

Por exemplo: é moral o governador pegar uma aeronave, alugar uma aeronave por quase 400 mil reais e ir para a Europa para ver aquele Carnaval? E dentro dele jogar familiares seus (*refere-se a uma viagem feita pelo governador Cid Gomes no ano passado*)? Claro que não é moral. É ilegal? É ilegal também, porque a lei estabelece que não pode. Diante de um ato desse eu vou ficar calado, porque o partido dá apoio? Não. Porque eu tenho de cumprir a minha função, constitucional que o partido também deve cumprir, porque o partido não está acima da Constituição. Ele tem de estar em consonância com o que diz a Constituição Brasileira e a Constituição do Ceará. Diante de um fato desse eu posso estar a favor do Governo? Claro que não! O governador sai daqui com um empresário que trata de negócios no Estado, na aeronave dele. É moral? Não, é imoral. É crime de improbidade, embora a Assembleia entenda que não. Porque, se todos aqui têm negócios com o Estado, todos disputam ICMS (*Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços*), disputam área do Estado, impostos... Você tem uma aeronave e fica me dando essa aeronave para eu viajar. Chega um momento em que o Estado vai distribuir as benesses, e eu vou dar para quem? Para quem me deu a aeronave (*refere-se a outra viagem feita pelo governador em uma aeronave do grupo empresarial Grendene, aos EUA*). Por isso que é proibido o Governo do Estado tratar pessoalmente com alguém que, impessoalmente, tem negócio com o Estado. Posicionei-me contrário também, levei a público.

O Estado do Ceará faz um investimento de 21 milhões em uma estrada. São essas aqui (*enquanto fala, mostra várias fotos de estradas do Estado*). Vocês já viram, né? O governador, em março, inaugura uma estrada, entrega para a sociedade, essa estrada que ele inaugura em março toda bem asfaltadzinha, quando é em maio está desse jeito (*mostra a foto da situação da estrada em maio*), uma estrada que custou

"Cargos que aparelham a prefeitura, (vou) reduzir drasticamente, porque não são necessários, eles existem para acomodar as forças políticas."

21 milhões aos cofres públicos, tá certo?

O que eu fiz? Levei à imprensa, denunciei que essa estrada teve problemas de feitura. Essa daqui não foi entregue ainda, já está tampando os buracos, 21 milhões também, tá aqui a própria construtora fazendo tapa buraco, essa liga Maranguape a Palmácia (*municípios serranos na Região Metropolitana de Fortaleza*). Diante disso, que o Governo mostrou que é ineficiente, eu posso ficar calado? Não posso, porque a constituição me obriga a fiscalizar os atos do governo. Tenho de levar a público, porque o Governo está sendo ineficiente ou então está usando mal os recursos públicos. O partido está errado? Tá errado. É por isso que cria esse problema entre mim e o partido. Eu não posso me calar diante de um compromisso que eu tenho, que é fiscalizar os atos do Governo.

Gabriela – O senhor é tido como oposição, como já ficou claro, mas o senhor também já afirmou várias vezes que votou mais a favor do Governo do que contra, e de uma forma bem significativa. Então o senhor diria que no geral se identifica com as ideias do Governo?

Heitor – É, muito do que ele apresentou eu concordo, muitas das matérias que ele mandou para cá, de 110 eu votei contra sete, é porque está no caminho mais certo do que errado. Agora, eu não posso é dar unanimidade a ele, e achar que ele tá certo em tudo, ele mandou 17 mensagens para cá, eu votei contra uma.

Livia – O senhor acha um paradoxo, então, ser identificado pela imprensa...

Heitor – (*interrompendo*) É porque, quando eu levanto os questionamentos, são polêmicos. Quer dizer, de 110, 106 ou 102 não tiveram problemas. Não contabilizou como aliado. As sete (*matérias contra*) é oposição. O governador acerta tudo? Claro que não.

Logo o professor Ronaldo pediu para Heitor diminuir o volume e tudo se resolveu. Mas a televisão da sala continuou a transmitir as imagens do plenário.

Liana – Esse instinto fiscalizador, o senhor considera como uma oposição responsável?

Heitor – Responsável.

Liana – Por quê?

Heitor – Porque você tem de fazer a função do representado. Porque a pessoa disse, quando fui pedir voto, “você vai ser meu representante, meu deputado”. Pra que serve um deputado? Pra fiscalizar e legislar.

Liana – Mas ter essa fama de fiscalizador lhe prejudica de alguma maneira?

Heitor – Não, nunca, pelo contrário, acho que me beneficia. Na vida pública, o reconhecimento da sociedade é por conta desse espírito fiscalizador mesmo.

George – Essa posição, que, ocasionalmente, é de oposição, seria também motivada pelo desejo de conquistar os votos direcionados a uma oposição que não existe, ocupando, assim, um nicho?

Heitor – Não. Eu vou lhe dizer por que não. Eu fui escolhido para receber dos funcionários da Fazenda, da SEFAZ, uma comenda de reconhecimento ao meu trabalho. No ano seguinte, veio uma mensagem do governador do Estado beneficiando os fazendários, que era flagrantemente inconstitucional. Eu então levantei a inconstitucionalidade da lei, fiz pronunciamento, fui vaiado pelos fazendários que me deram a comenda, e eu não estava preocupado com o voto deles. Porque o meu compromisso é de votar com a Constituição. E depois de aprovada a matéria, tramita no Tribunal de Justiça, já por quatro anos, uma ação, feita aí pelo PDT, para declarar a inconstitucionalidade da lei. O que é que essa lei diz? Que eles podem ganhar mais do que o governador. E o servidor do Executivo não pode ganhar acima do governador. Aqui na Assembleia, nenhum servidor pode ganhar acima do deputado. Porque quem diz é a Constituição. Como é que o governador dá, então, o direito aos fazendários de ultrapassar o seu teto remuneratório?

Então, muitas matérias são simpáticas ao eleitor e obviamente que isso redundam em votos. Mas aquilo que não redundam em votos porque a matéria fere a Constituição, eu voto, mesmo contrariando.

Anna – Tendo em vista esse seu caráter de oposição, que tipo de pressão o senhor sente e de onde esse tipo de pressão pode vir?

Heitor – Olha, a democracia tem essa vantagem: eu não tenho pressão nenhuma. Quando muito, um deputado do Governo vai na minha bancada para ver se eu não vou mudar minha posição. Mas pressão não tem.

Cinara – O senhor tem uma sede de informação muito grande, de estar atualizado, de se informar, até mesmo para exercer o papel que o senhor exerce hoje isso é necessário. Mas isso foi construído, porque em 1988 o senhor

provavelmente não tinha a rede de contatos que o senhor tem. Quando e como o senhor se deu conta de que essa informação tinha esse valor para o papel que o senhor queria exercer?

Heitor – Quem me ensinou isso foi o PT. A bancada do PT na Câmara Municipal me ensinou essa lição. Porque o País deve muito aos parlamentares do PT, na construção da democracia, deve muito. Pena que muito do PT hoje tenha se derretido ao longo do tempo. Os seus discursos tenham se derretido, e muitos fazem exatamente o contrário do que pregavam. Mas quem recebeu as lições do PT dos anos 1980 e absorveu e assimilou e não se derreteu, e Deus queira que não se derreta, essa contribuição foi formidável. O desejo de ter um bom mandato, o desejo de buscar informações, de questionar, foi muito burilado pelos vereadores do PT da época, que tinham esse aspecto, esse perfil. Eu busquei, numa inveja saudável, assessorar-me bem. Com advogados, com a parte jurídica, econômica, com a parte de orçamento. Esse perfil do meu mandato deve-se muito à postura do PT durante esses anos.

Raphaelle – O senhor citou o exemplo de uma CPI, que o senhor só vai conseguir mais dois votos...

Heitor – (*interrompendo*) É, das estradas.

Raphaelle – Isso. E falou também na questão de estar sempre munido de assessores, de pessoas que possam ajudá-lo nesse papel de fiscalizador. Também falou do papel da imprensa, que começou a pautar o senhor naquilo que deveria buscar explicações etc. Eu queria saber a importância da imprensa para essa oposição isolada que o senhor faz, como é esse trato com a imprensa para conseguir essas informações e para conseguir dar voz a essas medidas.

Heitor – É muito natural. Essa cumplicidade é muito natural. Não existe “pedir”, nem de um lado, nem do outro. Essas coisas fluem naturalmente. É um discurso que eu posso fazer sem ter sido pautado ainda e de certa forma dá pra imprensa explorar politicamente, criando um fato político e um fato jornalístico. E são temas que a imprensa traz, que se não tiver alguém que tem a coragem cívica de levantar no parlamento, fica só na página do jornal. O que é muito. Mas, quando você tem algo muito polêmico que está na página do jornal e que você repercute no parlamento, essa coisa toma outra dimensão. Como o inverso. Quando você tem algo que é polêmico e que vai para os jornais, para o rádio, para a televisão, toma a dimensão que muitas vezes corrige o rumo da História.

Então, ser pautado pela imprensa não me diminui, pelo contrário, engrandece-me. O ideal é que os parlamentos municiem a imprensa com fatos políticos, e cria-se o fato jornalístico também. Se você olhar para o Congresso Nacional, não tem quase nada no Congresso

Inicialmente, Heitor apresentou uma atitude mais formal perante os entrevistadores, respondendo às perguntas de maneira diplomática.

Quando perguntado sobre as lições do pai, Heitor se emocionou e precisou de uma pausa até se recompor.

Foi ao banheiro e enxugou as lágrimas, mas, ao tentar responder a pergunta novamente, voltou a se emocionar.

Nacional que seja de origem do Congresso. Todos os escândalos do Congresso vêm da imprensa. A imprensa investigativa é que traz, o que é uma falência do parlamento. É uma falência do parlamento.

Cinara – Heitor, o senhor disse na pré-entrevista que “a família e a religião são os grandes freios que devemos ter”. O senhor parece ser muito destemido, às vezes.

Heitor – É.

Cinara – A Gabriela, sua esposa, disse que o senhor “incomoda por dizer a verdade, por enfrentar essa verdade e por não ter medo das consequências”. Então eu pergunto: em algum momento da sua trajetória política o senhor usou esses freios, da família e da religião?

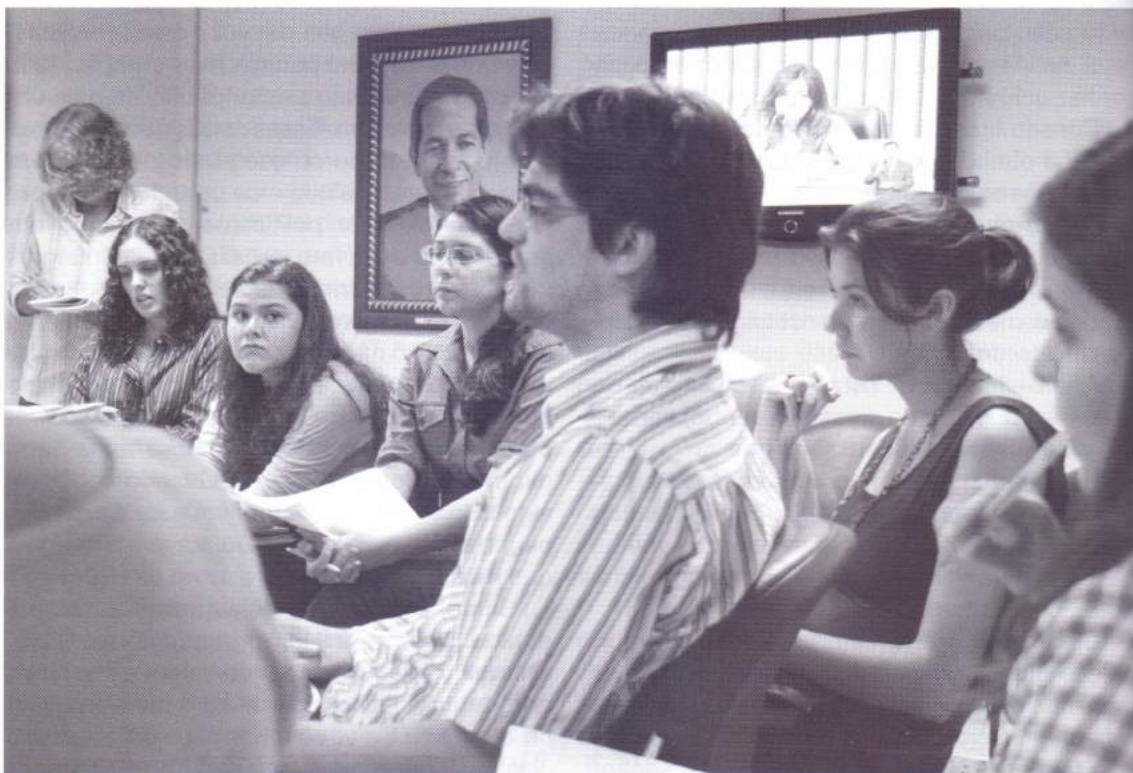
Heitor – O que pauta a vida das pessoas é a política, a família e a religião, no sentido de fazer o mal. Quando você pretende muitas vezes ser rancoroso, ser perseguidor, destratar... A gente, pela formação familiar e pela formação religiosa, isso é um freio muito forte. Na vida pública, a valentia cívica não tem limite. A família estimula e a religião também. Eu já me sinto é estimulado pela religião e pela família, por não ter medo. Porque – o que faz ter medo é a covardia natural do ser humano, ter medo pela vida da pessoa, disso eu não tenho medo – e o rabo preso. Você ter medo de que uma investigação mais profunda descubra que você tem rabo preso, e eu também não tenho. Por isso que eu sou destemido, eu não tenho receio de fazer meu pronunciamento e enfrentar quem quer que seja, porque não devo meu comportamento a ninguém.

George – Aqui em Fortaleza, o senhor tem um voto mais classe média, um voto de opinião (*Heitor concorda*), não um rincão definido, mas em Lavras, o senhor foi o terceiro deputado estadual mais votado. O senhor diria que tem uma relação mais tradicional com os eleitores de lá?

Heitor – Não, porque, se fosse tradicional, na primeira votação eu teria tido mais votos, eu tive míseros 300 e poucos votos na primeira vez ou foi 400, aí sim, foi completamente a tradição. Depois da primeira eleição, fiz a Casa de Apoio aos Lavrenses. Quem não tem casa aqui, quem não pode pagar hotel para se tratar. A casa só recebe pacientes, não recebe jovens que vêm passar férias, não recebe ninguém que venha desfrutar da cidade, é uma casa de apoio à saúde de lavrenses.

Quando eu coloquei essa casa que as pessoas passaram a vir pra cá para se tratar – havia muitas cirurgias, porque eu arrumo cirurgia, arrumo tratamento quimioterápico, internação, os mais variados setores da medicina –, então, esse assistencialismo... Não deixa de ser, né? Você tem uma casa de apoio para receber pessoas carentes. Mas eu vou pensar nesse assistencialismo como uma coisa negativa se eu estou fazendo o bem a quem não tem como fazer lá? Se tem de vir para capital e não tem onde ficar, eu estou abrigando pessoas em uma casa de apoio.

Isso rende politicamente, mas rende socialmente. Era muito mais cômodo eu pegar o que eu gasto na casa e comprar o eleitorado de Lavras, dava para comprar um bocado de



Entre os instantes de silêncio e de lembranças, passaram-se 7 minutos até conseguir responder à pergunta.

eleitores, mas não tem o social e não tem trabalho. Chega lá com o dinheiro que se gasta a cada quatro anos, você chegava em qualquer município e tirava 4 mil votos, tiro 2.500 em Lavras porque me satisfaz fazer o social, que é a pessoa vir para uma casa e ter café da manhã, ter almoço, ter jantar e ter dormida, né? É um assistencialismo, tem seus pecados, porque de certa forma é como se fosse uma troca, mas o intuito é de assistir socialmente, a tradição fica nos 300 a 400 votos, o resto é trabalho mesmo.

George – Mas o senhor se sente um representante de Lavras na Assembleia?

Heitor – Essa representação de deputados ligados a municípios só se efetiva quando o deputado é da base do governo, que aí ele pega todos os pleitos da cidade e leva para o governador resolver. Nesse aspecto eu não sou representante de Lavras, eu sou um filho de Lavras, com as raízes de família em Lavras e tenho muita relação pessoal com o município de Lavras. Um a um dos que vêm para casa de apoio, todos me ajudam, naturalmente. Porque vêm para a casa de apoio, são bem atendidos, recebem um tratamento médico, voltam para sua cidade, estão bem de saúde, então há uma relação de gratidão. Mas eu ser representante de Lavras junto ao governo para pleito da cidade, não sou. Eu posso até, em algum momento, ser representante da cidade, se a cidade fosse, que não é, perseguida pelo governante, ou que fosse preconceitualmente tratada pelo governador, por ser minha cidade, o que também não é.

Carol – O senhor quer se candidatar para a Prefeitura de Fortaleza, mas ainda tem uma relação amistosa com a Prefeitura, com as ações da Prefeitura. O presidente regional do PDT, deputado federal André Figueiredo, disse o seguinte em matéria ao jornal *O Povo* do dia 17 de maio deste ano: “Se Heitor quer disputar a Prefeitura, que critique a prefeita”. Por que o senhor tem se ausentado desses debates sobre a cidade?

Heitor – A minha função é de parlamentar estadual. A Constituição estabelece que os municípios são autônomos, independentes, sem guardar nenhuma submissão aos deputados. Os municípios são células autônomas, o Estado não interfere no município. O deputado tem de fazer papel fiscalizador dos atos do governador, os vereadores do prefeito.

Mas existem temas, daí a afirmativa do André, que podem ser discutidos no parlamento estadual, e ele tem razão quando diz o seguinte... Por que ele disse isso? Porque foi feita uma pesquisa para prefeito de Fortaleza, eu não fui lembrado, fui lembrado como candidato a governador. Está lá, governador: Tasso, Heitor, Lúcio, Ciro. E por que não se lembraram de mim para prefeito espontaneamente? O André

“O parlamentar não pode ser boicotado porque tem essa dificuldade de agregação: o que agrega é o que ele quer pôr em prática.”

tem razão quando diz: “Ele não está falando da administração municipal que ele quer disputar.” Por isso é que ele chegou para imprensa e disse assim: “Olha, Heitor, quer disputar? Coloca a prefeitura em foco porque você é candidato a prefeito, não é para governador, né?”

Por isso que eu não devo me obrigar a isso, mas em alguns temas a gente pode levantar, como eu levantei hoje. O que eu levantei hoje? Pela segunda vez, levantei semana passada (*uma discussão sobre*) um leite para quem tem distúrbio da lactose. O município não está dando, mas é obrigação dar, então falei para entrar com ação contra o município. E hoje eu falei dos péssimos índices da escola pública de Fortaleza, que hoje, entre os 184 municípios, é a quarta pior escola pública. Eu não posso deixar de falar porque o tema é importante, pois envolve educação, não é? E outros temas que eu vou trabalhando, obviamente que, sem ter papel de vereador, que é de estar fiscalizando os atos da prefeitura, mas levando à sociedade as falhas da administração.

Raphaelle – O senhor disse que, quando estava na presidência do PDT, não administrou o partido por causa das divisões internas que havia. Como o senhor pretende administrar uma cidade como Fortaleza, já que o senhor não é um grande agregador político?

Heitor – É, tanto é que eu tenho dito para o partido: eu sou um candidato e entrego ao partido as negociações com os demais partidos.

Raphaelle – Inclusive essa coisa da barganha de cargos?

Heitor – A barganha de cargos não vai ter muita coisa não, porque eu ia reduzir em 70% (*o número de*) cargos, seria um dos compromissos meus de campanha reduzir drasticamente os cargos comissionados, porque eu considero esse cargo comissionado como vírus que chega aos nossos e-mails. Cada cargo que você dá para alguém assumir, pode alguém estar portando um vírus para administração pública e levar a corrupção. Eu tenho dito para o partido:

A turma ficou um pouco nervosa com a situação, sem saber direito o que fazer perante a longa pausa na entrevista.

A iniciativa de quebrar o gelo partiu de Liana, que relembrou uma história que dona Josete havia contado para a produção.

Foi visível a mudança de postura do deputado no decorrer da entrevista. Após alguns minutos, ele parecia mais à vontade na cadeira e nas respostas.

se eu for candidato as negociações partidárias, de coligações, eu queria que o André fizesse (*com*) o Flávio Torres, porque eu, como administrador, para administrar bem, eu precisaria da Secretaria de Planejamento, da Secretaria do Pagamento e da Secretaria da Controladoria para combater corrupção, o resto eu quero resultados. Quem é que vai indicar o Secretário da Saúde? É dentro da coligação partidária? É. Obviamente que vai ter o meu crivo para aceitar, tanto é que tem o ficha-limpa para ser aprovado.

A administração, se for multipartidária, eu fico com a indicação dessas três secretarias, porque vou controlar o pagamento, vou planejar a cidade e vou controlar a autorização do dinheiro público através da controladoria. Você tendo isso, eu acho que você pode delegar funções, estabelecer metas e cobrar resultados, por isso que eu não me preocuparia com essa necessidade de agregar. Cargos que aparelham a prefeitura, aparelham os partidos, (*vou*) reduzir drasticamente, porque não são necessários, eles existem para acomodar as forças políticas.

Lívia – O senhor falou da dificuldade de aceitar esse *status quo* partidário. E o senhor reconheceu que isso torna difícil fazer política. O senhor acha então que, mesmo delegando essa articulação partidária para os representantes do seu partido, isso não afetaria a governabilidade numa possível prefeitura do Heitor Férrer?

Heitor – Olha, o que dá governabilidade, governança, são os senhores parlamentares. Hoje, nós temos muita transparência na conduta dos parlamentos, através das televisões. Se o administrador planeja uma cidade de maior qualidade e esse planejamento possa ser emperrado por quem quer que seja, ou por partidos ou por parlamentares, a sociedade busca uma satisfação desses que estão emperrando. Se o propósito do administrador é adotar políticas públicas para melhorar a qualidade de vida da cidade, ele não pode imaginar, e nem a sociedade aceita, que os parlamentares e os vereadores o emperrem.

Essa transparência – e eu acho que deva ser um marco na administração de Fortaleza, é a mais transparente – é que fará com que o gestor não se submeta, como é comum, aos ditames dos líderes políticos. De donos de partidos políticos e representantes populares.

Lívia – Mas, para o senhor, que é conhecido como um político meio isolado, o senhor acha que há essa possibilidade de...

Heitor – (*interrompendo*) Não, porque, se você levar a coisa com seriedade, com propósito, estabelecendo metas, dizendo qual o objetivo daquelas medidas, você certamente conta com o apoio da representação popular.

Porque ela é o espelho da sociedade. O parlamentar não pode ser boicotado porque tem essa dificuldade de agregação: o que agrega é o que ele quer pôr em prática. Se os propósitos são de melhorar a qualidade de vida das pessoas, não tem por que sofrer retaliação porque possa ter um comportamento desagregador, quando parlamentar. A função do Executivo é viabilizar as políticas públicas e essa viabilização só se faz através do parlamento. Não tem quem governe sem o parlamento. Você para governar bem tem de ser muito transparente, levar para a sociedade o que você quer, para ela cobrar do parlamento a aprovação.

Liana – Falando em governar bem, sobre essa candidatura à prefeitura, o senhor não acha que esse comportamento de se distanciar da cidade e se aproximar do Estado como um todo não seria se candidatar à prefeitura como um degrau para ser governador um dia?

Heitor – A capital é sempre muito... Quando você detém o Poder Executivo da capital, você naturalmente se credencia para ter outros voos. Se você é prefeito da capital, você normalmente pode disputar outros cargos majoritários, Senado da República, Governo do Estado, mas desde que você tenha uma administração convincente. Se você galgar popularidade com boas políticas públicas numa administração municipal, você pode galgar o Governo do Estado. O Garotinho (*Anthony Garotinho, atualmente deputado federal pelo Partido da República do Rio de Janeiro*), que era prefeito de Campos, foi governador do Rio de Janeiro, por conta da administração que ele teve em Campos. Então, ele é um reflexo. Se for boa, pode galgar, se não for, pode até se enterrar.

Liana – Mas o senhor almeja isso?

Heitor – Não. Se o partido me indicar como candidato a prefeito, eu vou para essa batalha

“É um prejuízo que é real, essa convivência com a família, com os amigos, é real. Mas uma coisa que nos consola é que há uma compreensão deles.”

A produção ficou receosa que Heitor decidisse vetar as fotos em que aparece emocionado, mas a esposa Gabriela defendeu que elas exemplificavam a faceta humana do político.



com muita boa vontade, com um programa de governo exequível, mostrando o que a sociedade arrecada através do gestor, mostrando como gasta e em que gasta. Essa transparência tem de ter.

Cinara – Heitor, caso o senhor seja eleito prefeito de Fortaleza, será a primeira vez que o senhor vai estar em uma posição que não é de oposição. Como o senhor se enxerga nessa posição?

Heitor – Quem faz críticas a políticas públicas equivocadas, como eu faço, sempre recebe esta pergunta: “E se você estivesse no Executivo, você não acha que, pelo fato de ter cobrado tanto, não vai dificultar a sua performance como executor?” Digo que não. Por quê? Porque você, para se candidatar, tem de ter um programa exequível. E, se você tem o programa que prometeu e está executando-o, a oposição vai ser mínima ao seu programa, porque você vai estar cumprindo o que você prometeu. O que você não pode é fazer estelionato político. Prometer o que não pode cumprir.

Digamos que eu fosse prefeito de Fortaleza. Alguém me perguntou: “Se o senhor fosse candidato a prefeito e se elegeisse, como é que seria sua relação com o governador?” No outro dia eu ia marcar uma audiência com o governador. Porque eu quero resultados. E pra ter resultados, é inaceitável e inadmissível que o chefe do Poder Executivo da capital não guarde uma excelente relação com o chefe do Executivo do Estado. Pode até, entre as pessoas, ter arranhões, mas o chefe do Executivo... A



instituição tem de buscar as outras instituições para solucionar problemas. Então, não teria nenhum constrangimento: no outro dia pediria uma audiência com o senhor governador para tratar dos problemas de Fortaleza.

George – Levando em consideração a sua trajetória política e seu aprendizado pessoal e profissional, o que o senhor acha que pode trazer de diferente para a cidade em termos de políticas públicas?

Heitor – Fortaleza é uma cidade que tem um caos no trânsito, Fortaleza tem caos no atendimento médico, Fortaleza tem um caos na malha viária, ela é terrivelmente malfeita. Muitas dessas coisas são heranças que se acumularam ao longo dos anos. E tem muita violência. Esses quatro itens norteiam a campanha de uma administração. Para resolver esses problemas, você não resolve sem planejar. E não resolve sem ajuda externa. O que o governador do Estado está fazendo, no que diz respeito à implantação dos hospitais regionais, deverá trazer muitos benefícios para o Estado e, obviamente, para Fortaleza. Porque muitos dos casos que estão a superlotar o Frotão e o HGF (*Instituto Dr. José Frota e Hospital Geral de Fortaleza, hospitais públicos da cidade*), tornando-os desumanos, poderão perfeitamente ser resolvidos nas áreas em que acontecem os problemas. Porque nós vamos ter o hospital de Juazeiro (*do Norte*), de Sobral, de Quixerambim e outro na Região Metropolitana de Fortaleza. São quatro grandes hospitais, com 300 a 500 leitos, que desafogarão o José Frota.

O problema da saúde, se não houver uma

Durante a entrevista, havia algumas pessoas na sala de espera do gabinete. As vozes e as risadas não chegaram a atrapalhar ou desconcentrar a turma de entrevistadores.

As pessoas na sala ao lado queriam um momento para falar com Heitor e tiveram de esperar mais de duas horas até o término da entrevista.

A mãe de George é amiga de Heitor desde a época de faculdade. O aluno preferiu comunicar esse fato ao deputado somente após o término da entrevista, mas acabou esquecendo.

solução dada pelo Estado, não tem prefeitura que resolva. Por causa da demanda. O que houve no Ceará foi um atraso nesses equipamentos que o governador Cid Gomes está dando. Eu espero que seja um grande *plus* dentro da saúde pública que poderá ser modelo no Brasil inteiro. Nessa área, o governador tem prioridades políticas públicas que são exemplares.

Trânsito: o trânsito de Fortaleza teria de passar por uma engenharia de trânsito de pessoas altamente especializadas. Porque como está, com as vias que nós temos, não tem solução. Tem de haver intervenções profundas para que o trânsito se desafogue. Eu penso nessas entradas subterrâneas, você entra, distribui por baixo, pega lá em cima. Eu fui a Lisboa agora e lá é tudo assim: você vem, mergulha, quem vai para cá, vai para cá, quem vai para a frente, vai para a frente, e os carros praticamente não se encontram. Tem de ter uma engenharia de trânsito. E quem fará? Tem de ser especialistas, né?

Malha viária: o grande mal de Fortaleza foi a cultura do asfalto. Asfalto de péssima qualidade que a cada inverno tem de ser recapeado. Asfalto sobre asfalto. Hoje o asfalto de Fortaleza tem várias camadas, a ponto de nós termos áreas em que o asfalto está acima da calçada. O carro passa, quem está lá com a sandalhinha perde a sandália, quem passa com o carro cria a onda e molha os pés das pessoas que não têm carro. Porque fica colocado asfalto sobre asfalto, quando deveria ter sido preservado e construído o calçamento de paralelepípedo. (*Avenida*) Monsenhor Tabosa: não tem estrago nenhum. Estragou, tira a pedra e faz a base novamente. Praça Portugal: há quanto tempo naquela praça existem aquelas pedras? (*Igreja*) Cristo Rei. Ali na (*Avenida*) Sebastião de Abreu, lá no (*Shopping*) Iguatemi, tem uma parte de pedra (*citando vários locais de Fortaleza em que o calçamento é de paralelepípedo*). Se Fortaleza tivesse asfalto só nas principais vias, era uma cidade muito mais aprazível. Infelizmente, foi a cultura do asfalto, areia com asfalto de péssima qualidade que a chuva todo ano degenera. Teria de ser repensada uma maneira, com relação ao asfalto, ou de tirar o que está posto e fazer um asfalto de qualidade, ou, em muitas áreas, colocar pedras.

E a segurança pública, a violência, é função do Estado combatê-la. Com a polícia, repressão. Agora, segurança pública, para que não tenha violência, é ter a segurança pública de habitação, segurança pública de transporte, segurança pública de saúde, segurança pública de educação. Se você tem essas seguranças públicas, você não tem violência.

Liana – O senhor tem uma base familiar importante, que carrega até hoje, criou um vínculo muito grande com a família que for-

mou, mas, com a conquista da vida pública, com a política, e a formação acadêmica como médico, isso lhe tirou bastante tempo e lhe forçou a fazer sacrifícios pessoais, em termos de distanciamento, de não ter muito contato até com os amigos. O senhor fala que a vida pública é “outro patamar de atividade”, chega a ser outro nível. Então, esses sacrifícios pessoais valeram a pena?

Heitor – A convivência com amigos prejudicou muito, porque todos eles têm suas funções, suas atividades que não têm nada a ver com a minha, que é política. A vida com a família, esse prejuízo eu procuro minimizar muito. Saio daqui, na hora que sair, vou lá na mãe. Ou saio 5h da tarde, ou seis, ou sete, o fato é que eu passo lá ainda hoje. Ou passo de manhã, ou passo na hora do almoço, ou passo depois, na hora que der.

Em casa, eu acho que a mulher se sacrifica mais ainda. Porque tem o direito de querer mais, e nesse querer mais há sempre uma dificuldadezinha, porque ou é reunião do partido, ou é audiência pública, ou é visitação de áreas às quais fui convidado, ou é lançamento de livro... É um prejuízo que é real, essa convivência com a família, com os amigos, é real. Mas uma coisa que nos consola é que há uma compreensão deles. Minha mulher compreende, ela, no começo, foi mais difícil. Hoje não, ela entende que esse sacrifício, até pelo prazer que eu tenho de desenvolver essa atividade, as pessoas chegam a me perdoar.

Liana – O senhor faria diferente, para ter mais tempo, abdicaria de alguma dessas vertentes do seu trabalho?

Heitor – Eu teria de ter deixado a política. Porque o que a política consome, é necessário que se dê a ela. Ou então saia dela. Tem prejuízo de convivência com a família? Tem. Não tem como não ter.

Gabriela – Então o que move o senhor?

Heitor – Essa vontade de mudar, de transformar. Eu disse ao partido ontem, com a história dessas minhas posições. Eu disse: “Olha, nós viemos para mudar”. Eu, que sou bem aquinhoado, sou médico, tenho meus empregos, tenho meu consultório, não preciso de política para sobreviver. Nós viemos para mudar. Quando eu coloco, por exemplo, um projeto de lei estabelecendo que os ficha-suja não podem assumir cargos no Executivo, no Judiciário, no Legislativo, no Ministério Público, é querendo mudar a formação, a estrutura de governo. É muito cômodo você estar no *status quo*, porque se adequa, tem prestígio. Você estar lutando contra o *status quo*, lutando por mudanças, digo até que a gente pode sofrer *bullying*, uma certa discriminação, preconceito.

A minha condição de estar na vida pública,

Saindo da Assembléia para a UFC, as estudantes Amanda, Camila, Carol, Cinara e Gabi pegaram carona com Haroldo, o fusquinha de Liana. Um aperto só.

tendo esse sacrifício, é com a intenção de mudar. E a minha vida, de certa forma, já mostrou mudanças na vida pública do Estado do Ceará. Você vê que governador não se aposentou mais, né? Vereador não tem mais pensão. Deputado tirava licença aqui a três por quatro dizendo que tava doente, por 121 dias. Hoje não tira mais. Hoje o deputado para tirar licença de 21 dias só se ele estiver morrendo mesmo. Mas era comum você ter 46 deputados e ter 54 aqui. Seis deputados de licença e seis assumindo, seis suplentes. Todos recebendo integralmente, como se estivessem no mandato, alegando uma doença. Estabeleciam em regras legais, mas não podiam. Só se você

trouxesse aqui uma perícia médica com três médicos. Quem é que tem três médicos para assinar o atestado de que não diz a verdade? O que me consola com essas perdas é que nós fizemos algumas mudanças na vida do Ceará, principalmente na parte moral.

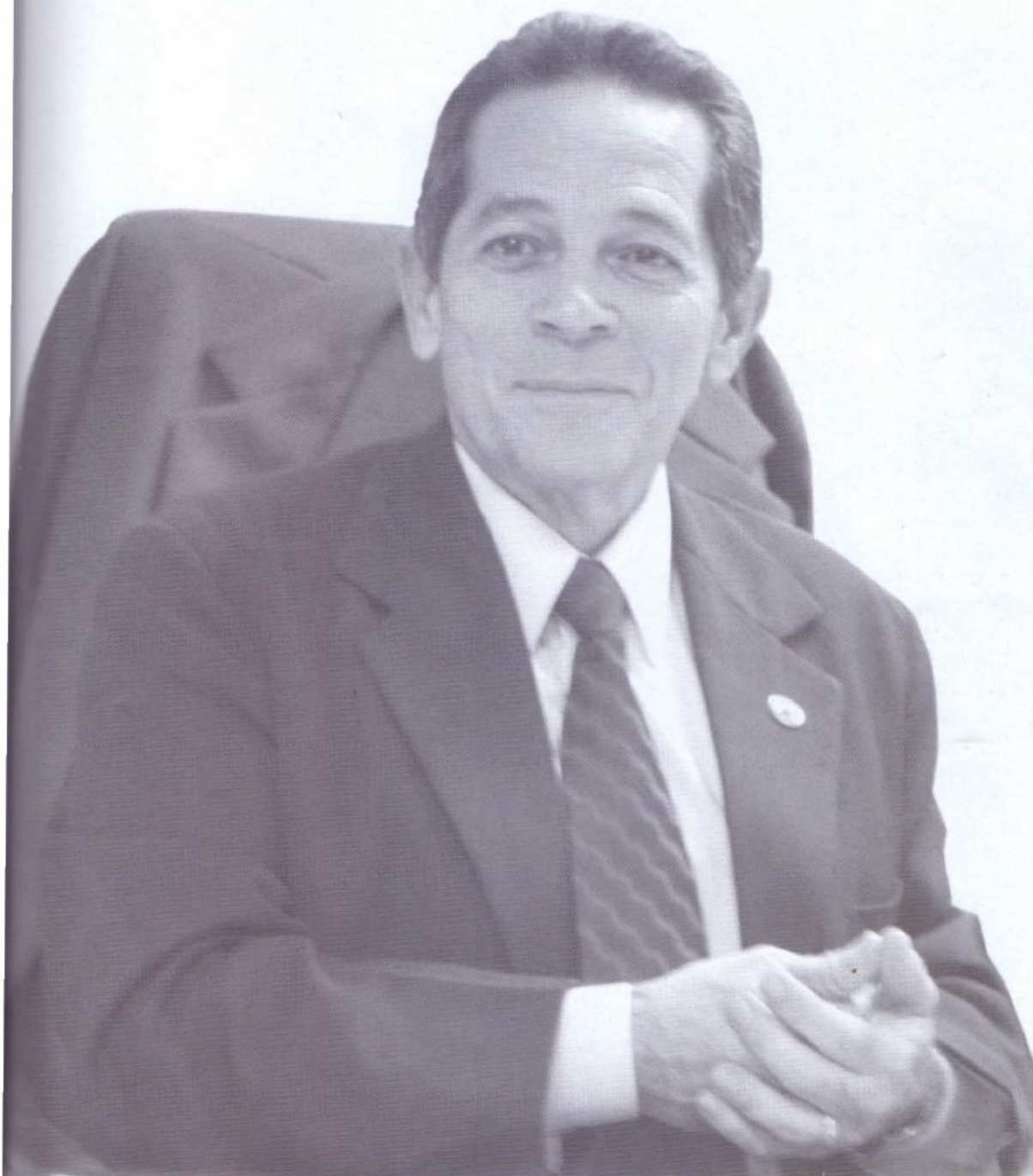
Liana – O senhor seria um médico, tendo mais tempo para a família?

Heitor – Se fosse médico, teria mais tempo para a família.

Liana – O senhor se satisfaria assim?

Heitor – Também. A questão é a seguinte: é escolher e ficar satisfeito com o que escolheu. Se eu escolhi a vida pública, com mandatos, sei dessas perdas.

Seis mulheres juntas em um lugar fechado e cheias de comentários a fazer, um cenário é certo: confusão. Todas haviam gostado da entrevista, apesar dos momentos iniciais de tensão.



Realizada a entrevista, o processo de edição esperava pelos produtores. Transcrever, ler e reler a entrevista foi trabalhoso, mas ver o resultado ganhar corpo foi bastante compensador.